

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

EM RUÍNAS

Grande Reportagem Impressa sobre o Abandono e os Problemas Ambientais de
Parques Urbanos em Campo Grande (MS)

GABRIEL HISSAO COELHO ISSAGAWA

Campo Grande
JUN/2026

GABRIEL HISSAO COELHO ISSAGAWA

EM RUÍNAS

Grande Reportagem Impressa sobre o Abandono e Problemas
Ambientais de Parques Urbanos em Campo Grande (MS)

Relatório apresentado como requisito parcial
para aprovação na disciplina Projeto
Experimental II do Curso de Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Seligman

Campo Grande
JUN/2026

SUMÁRIO

Resumo	7
Introdução	8
2. Atividades desenvolvidas	10
2.1 Execução	10
2.2 Dificuldades encontradas	13
2.3 Objetivos alcançados	13
2.4 Justificativa	14
3. Suportes teóricos adotados	16
3.1 A função social e a ética do jornalismo comunitário	16
3.2 A grande reportagem como gênero de profundidade e narratividade	16
3.3 Parques Urbanos: Sustentabilidade, Simulacro e Políticas Públicas	17
3.4 Jornalismo Ambiental Crítico e a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire Execução	18
Considerações finais	19
Referências	21
Apêndices	24



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: Parques Urbanos em Ruínas

Acadêmico: Gabriel Hissao Coelho Issagawa

Orientadora: Laura Seligman

Data: 10/06/2024

Banca examinadora:

1. Karita Emanuelle Ribeiro Sena
2. Thayná Oliveira

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca destaca a relevância do tema e a qualidade do trabalho e aponta ajustes a serem feitos para a entrega.

Campo Grande, 10 de junho de 2026.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Professora do Magistério Superior**, em 10/06/2026, às 18:25, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **KÁRITA EMANUELLE RIBEIRO SENA, Usuário Externo**, em 11/06/2026, às 10:00, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Thayná Rafaela de Oliveira, Usuário Externo**, em 13/06/2026, às 11:17, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6440490** e o código CRC **B432CE47**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone: 67 3345-7607

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23.104.014365/2026-04

SEI nº 6440490

AGRADECIMENTOS

Ainda estou longe de quem quero me tornar, mas já sou tudo aquilo que o Gabriel de oito ou nove anos sonhava em ser. Este sonho, contudo, foi construído por muitas mãos. Como uma criança agitada e comunicativa, que gostava de se expressar, encontrei-me no jornalismo. Lembro-me de assistir ao Jornal Nacional no tapete de casa e imitar os âncoras. Lembro-me do meu primeiro "ao vivo", do meu primeiro texto publicado na época de estágio e, também, de escrever a primeira frase deste relatório em uma sexta-feira à tarde. Estava empolgado para que vocês lessem isto, pois cada olhar que passa por essas letras representa o carinho, o cuidado, a orientação e os conselhos de quem um dia já me acolheu.

No entanto, não trilhei este caminho sozinho. Aqueles que estiveram ao meu lado, acolhendo tanto as minhas vitórias quanto as minhas decepções, foram meus pais. Meu primeiro e mais profundo agradecimento é dedicado a vocês, que abdicaram de tantos sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Vocês investiram em minha educação, do reforço escolar ao incentivo moral, e nunca duvidaram do meu potencial. Se hoje estou sendo Bacharel em Jornalismo em uma universidade pública, é fruto do amor e ensinamentos de vocês. Meus mais profundos agradecimentos!

Agradeço às minhas irmãs Isadora Tiemi, Maria Isabella e Sandy Akemi, vocês sempre foram minha referência, grande parte de quem eu me tornei e estou me tornando é por causa do amor, dos conselhos e do afeto. Obrigado por sempre me apoiarem e estarem aqui! Amo vocês!

Agradeço, em especial, à minha orientadora, Laura Seligman. Sua sensibilidade com o tema que eu escolhi, experiência profissional, escuta e seu acolhimento para com o outro são únicos, qualidades que tornaram o processo de escrita da reportagem mais leve. Obrigado pela paciência! Obrigado por ter tornado o processo divertido e pelas risadas e conselhos em reuniões. Ganhei uma grande amiga!

Agradeço também à banca examinadora, Kárita e Thayná Oliveira; vocês são profissionais por quem sinto admiração. Obrigado por fazerem parte disso!

Agradeço aos familiares que confiaram em mim, em especial às minhas avós Tereza Hatsue e Marlene Barros, que sempre me lembram sobre resiliência e

perseverança. Elas sempre sentiram orgulho ao falar que o neto seria jornalista e que já me imaginavam na TV apresentando um jornal. Muito Obrigado por sempre me incentivarem; hoje o neto de vocês está se formando em jornalismo, essa conquista é nossa.

Aos meus cunhados Ludmila Muller, Lucas Barbosa e Guilherme Valenzuela, meus agradecimentos por sempre estarem presentes, eu considero vocês irmãos e agradeço pelo incentivo e afeto de sempre.

Em abril de 2018, uma amiga, professora, faleceu de câncer no estômago. Maria Leda me ensinou sobre disciplina e persistência, apesar do seu ensino rígido que deixou marcas, sou agradecido pelo carinho e amor que ela demonstrava ao ensinar, ao se preocupar, pelas orações que ela fazia diariamente por mim tarde da noite em seu altar, pelas aulas de reforço que ela me dava que teve contribuição. Na sua última mensagem antes do desencarne ela disse que sempre torceu por mim, em memória, dedico também, minha formação a ela.

Agradeço aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, puxando minha orelha e me incentivando, esses nomes que aparecem aqui são as pessoas que em algum momento me fizeram seguir e me incentivou de alguma forma, seja um olhar ou uma palavra, me sinto sortudo de tê-los em minha vida:. Sanny Duarte, Roberta Dorneles, Gaby Suede, Júlia Barreto, Sandy Micaela Ruiz, Karine Araújo, Luiza Lencina, Joana Denise, Felipe Silva, Júlia Laretto, Patrick Bernardo, Ana Carolina Nantes, Gabrielly Flores, Onilda Camargo, Robson Camargo, Nicoli Dichoff, Jean Vernochi, Locci Dichoff, Maysa Mirella, Flaviane Nantes, Cecília Guimarães, Luisa Coelho, João Victor Pereira e Joallyson Almeida. A todos vocês, meu muito obrigado!

Agradeço também a equipe de trabalho que eu faço parte, são meus amigos, e eu os vejo como porto seguro e sou grato por tê-los na minha caminhada e em minha vida. Grande parte deste TCC teve um incentivo muito grande por parte desse pessoal. Os dias são leves com vocês. Rosana Moura, Eduardo Coutinho, Lara Miranda, Gabriela Almeida, Aline Navarro, Caio Henrique Romero, Márcia Romero, Thuany Rezende, Nubia Arce, Bruno Lima, Valmir Martins, Sueli Bonfim, Josiane Bezerra e Camyle Maruyama.

Agradeço a Lizandra Rocha e João Buchara, vocês são um presente que a vida e que a faculdade me deu e sou muito agradecido pela nossa amizade! Ver nosso crescimento é lindo! Amo vocês!

Agradeço ao Helder Carvalho que esteve à frente da diagramação desta grande reportagem e fez um trabalho incrível, obrigado pela paciência, sensibilidade, compreensão e profissionalismo.

Agradeço ao ilustrador Juca Nunes por ter dado vida nas primeiras páginas desta reportagem, um trabalho lindo! Seus traços artísticos são únicos.

Agradeço ao meu psicólogo Marcus Klinger, o processo de análise durante esse tempo me fez ressignificar muitas coisas, e com certeza o acompanhamento profissional me auxiliou nos momentos de escrita deste trabalho. Obrigado!

RESUMO: Este projeto experimental de graduação, estruturado sob o gênero da grande reportagem impressa, investigou a gestão e a conservação dos parques urbanos em Campo Grande (MS), sob o título “Em Ruínas”. A escrita da reportagem mostra o desenvolvimento urbano e a preservação dos ecossistemas locais, com foco na materialidade de problemas como o assoreamento de bacias hidrográficas, a ocupação por espécies invasoras e o desgaste das infraestruturas de lazer em parques urbanos de Campo Grande (MS). Focado no jornalismo ambiental e na função social da comunicação de proximidade, o projeto experimental relaciona os processos de verticalização e expansão da capital sul-mato-grossense à gestão pública e às políticas de ordenamento territorial. Por meio de incursões em campo e entrevistas com especialistas, a reportagem busca oferecer um registro jornalístico crítico que discuta a importância dos espaços públicos na formação cidadã e humana, evidenciando como a degradação ambiental reflete dinâmicas políticas e sociais na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Ambiental, Parques Urbanos, Gestão Pública, Reportagem Imprensa

1 INTRODUÇÃO

A configuração urbana de Campo Grande (MS) e a gestão de seus espaços públicos, especificamente o Parque das Nações Indígenas, o Parque do Sóter, o Parque Ayrton Senna, o Parque Jacques da Luz, o Parque Linear do Segredo e o Parque dos Poderes, refletem dinâmicas políticas e sociais que incidem diretamente sobre a formação humana. Nesse cenário, o jornalismo atua como uma mediação essencial entre a sociedade e as crises ambientais contemporâneas, segundo Muniz (2009, p. 3):

O jornalismo ambiental propõe a reportagem como alternativa prática para o aprofundamento e a contextualização das informações, articulando as categorias do saber ambiental e do pensamento ecológico para apontar uma relação ampliada com a prática social.

Essa prática jornalística intersecta-se com a função social da comunicação de proximidade. Para Ribeiro e Ortiz (2007), a relevância desta abordagem reside no processo de valorização das culturas locais e regionais, garantindo que o indivíduo exerça o direito à compreensão do território que habita. Tal exercício é a condição primordial para o que a Pedagogia Crítica, de Paulo Freire, denomina como leitura da realidade. Conforme expõem Martins e Araujo (2021, p. 5):

A educação ambiental de base freireana propõe que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o que implica em compreender o meio ambiente como um campo de forças políticas e sociais, onde a conscientização é o primeiro passo para a transformação da realidade.

A materialidade desses parques, contudo, enfrenta desafios que evidenciam uma crise na racionalidade da gestão pública, manifestada em fenômenos como o assoreamento, a ocupação por espécies de árvores invasoras e o desgaste das infraestruturas. Para Leff (2009, p. 24), a superação desse cenário exige um esforço educativo e comunicacional que enfrente a complexidade da crise civilizatória:

Esse é o maior desafio da educação na atualidade: o da responsabilidade, a tarefa de coadjuvar este processo de reconstrução, educar para que os novos homens e mulheres do mundo sejam capazes de suportar a carga desta crise civilizatória e convertê-la no sentido de sua existência.

A presente reportagem estrutura-se de modo a materializar essas reflexões teóricas em intertítulos específicos. No primeiro, intitulado "Falta de manutenção", aborda-se a negligência do cuidado público e a percepção dos frequentadores sobre o estado de conservação desses espaços, evidenciando o abandono de equipamentos de lazer e a precariedade do manejo da vegetação que vem desde do gramado até a mata ciliar. Na sequência, o intertítulo "Animais silvestres, bacias hidrográficas e problemas ambientais" aprofunda o debate sobre o assoreamento nos parques do Sóter e das Nações Indígenas, fenômenos intensificados pelo avanço urbano na Capital. Esta seção relata os impactos diretos na fauna local, contando com a entrevista do médico veterinário Rafael Hoogstejin, da Universidade Central da Venezuela, e da bióloga Letícia Couto Garcia, mestra e vencedora do prêmio nacional Mulheres e Ciência, que observa os riscos ecológicos da espécie invasora Leucena (*Leucaena leucocephala*).

Em suma, este trabalho narra a situação atual dos parques urbanos da capital sul-mato-grossense, relacionando a conservação desses espaços à função social do jornalismo e à importância da qualidade ambiental na formação cidadã e humana frente aos desafios de infraestrutura observados.

2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Coleta de dados em acervos, sites oficiais e nos locais de apuração;
- Pesquisa bibliográfica;
- Escolha das fontes para a reportagem;
- Roteiro de perguntas norteadoras para as fontes;
- Entrevista e apuração nos parques;
- Seleção de fotos;
- Planejamento de diagramação;
- Escrita da reportagem;
- Escrita do relatório final.

2.1 Execução

Antes de dar continuidade ao relato sobre a execução deste trabalho, é fundamental pontuar como surgiu a ideia deste projeto experimental. O processo de definição foi marcado por incertezas, cheguei a trocar de tema quatro vezes devido à dúvida sobre qual caminho seguir. Foi somente durante uma conversa com minha orientadora e professora do curso de Jornalismo, Laura Seligman, ao expor a dificuldade de encontrar um objeto de pesquisa, que surgiu a sugestão de apurar os parques urbanos.

Na primeira reunião de orientação, em 11/03, elaborei um esboço da Grande Reportagem Impressa em um papel, com o auxílio da orientadora. Após essa etapa, fui orientado a realizar a apuração em dois parques para a semana seguinte.

Nesse período, visitei o Parque Ecológico Sóter, em um domingo à tarde, no dia 15 de março, e o Parque Ayrton Senna no dia 18 de março, em uma quarta-feira pela manhã, quando o tempo ameaçava chuva. Ao chegar ao Parque Ecológico Sóter, encontrei uma família e realizei a abordagem, explicando o tema do Trabalho de Conclusão de Curso. A família aceitou conceder entrevista. Em seguida, percorri o parque realizando registros fotográficos e anotando, em um bloco de notas, aspectos relacionados à infraestrutura e aos problemas ambientais que chamavam atenção.

Durante a caminhada, encontrei o casal e acadêmicos Adrian Lucas e Leopoldina Gomes, que comemorava aniversário de namoro com um piquenique no parque. Após a abordagem e a aceitação da entrevista, sentei-me junto ao casal na toalha do piquenique. Eles ofereceram bolo e salgados, mas recusei cordialmente, iniciando a gravação em áudio da entrevista.

Posteriormente, continuei a observação pelo parque e encontrei uma mãe que empreende acompanhada do filho e dois sobrinhos, sentados à sombra de uma árvore. A

abordagem foi realizada de forma cuidadosa e a entrevistada aceitou participar da entrevista, porém não autorizou o registro de imagens.

Ao retornar para casa, realizei a decupagem dos áudios coletados e selecionei as fotografias que seriam utilizadas na grande reportagem impressa. Após essa etapa, foi necessário definir uma fonte principal para a narrativa, sendo escolhido o casal Adrian Lucas e Leopoldina Gomes, em razão da ocasião especial vivida por eles em um espaço público marcado pela ausência de reparos e manutenção por parte da gestão pública.

Na quarta-feira pela manhã, fui ao Parque Ayrton Senna, onde ocorria, naquele dia, o Feirão da Empregabilidade promovido pela Fundação de Trabalho de Mato Grosso do Sul (FUNTRAB). Com a caderneta em mãos, realizei anotações sobre aspectos relacionados à infraestrutura e aos problemas ambientais observados no local, como a presença de sujeira e da espécie invasora leucena.

Por meio de entrevistas com comerciantes do entorno do parque, foi identificado também o problema recorrente de enchentes ocasionadas pelo entupimento das bocas de lobo. Entre as entrevistadas estava Tayza Alana, médica veterinária de uma clínica localizada em frente ao Parque Ayrton Senna. A apuração ocorreu porque, em decorrência da chuva, procurei abrigo na clínica veterinária. Nesse momento, apresentei-me, expliquei o objetivo da pesquisa e iniciei a coleta de informações.

Após a entrevista, permaneci na clínica até a chuva passar e, em seguida, peguei a condução para a faculdade. Durante a reunião de orientação, a professora Laura Seligman orientou que fossem apurados mais dois parques urbanos, além da organização inicial das retrancas da grande reportagem. Em 20/03, entrei em contato com o assessor de imprensa Paulo Victor para entrevistar a vereadora Luiza Ribeiro (PT).

No dia 28/03, entrei em contato com o médico veterinário Rafael Hoogesteijn, com o objetivo de aprofundar questões relacionadas aos impactos ambientais e à fauna presente no parque ecológico do Sóter. A entrevista foi realizada no dia 8 de abril.

Antes da entrevista no dia 06/04, foi enviado um e-mail à Planurb. Além disso, no dia 28/03, encaminhei um email para o Ministério Público de Mato Grosso do Sul e confirmei com o Maurício Aguiar, integrante da assessoria de imprensa do MPMS, se o email havia sido recebido. Segundo ele, a solicitação de entrevista encontrava-se na

promotória. No entanto, não obtive retorno até o fechamento deste relatório. No dia 01/04, foi realizada a entrevista com a vereadora Luiza Ribeiro em seu gabinete na Câmara de Vereadores.

No dia 12/04, fui apurar o Parque Jacques da Luz no bairro Moreninhas III, onde entrevistei frequentadores como a estudante Alice de Lima que é estudante, e pude participar de um bingo que estava acontecendo em frente ao parque.

Com o avanço na escrita da Grande Reportagem Impressa, planejei a diagramação e a ilustração manual do material. Entrei em contato com o jornalista e mestrando em Comunicação, Helder Carvalho, no dia 18/04, que indicou realizar esse tipo de serviço e foi por mim contratado. Além disso, devido à especificidade das imagens de crianças em parquinhos, contratei Juca Oliveira, ilustrador e acadêmico do curso de Jornalismo.

Ainda no dia 18/04, fui ao Horto Florestal fazer a apuração, lá conheci a professora de educação física Marina Solon, sua filha faz parte do projeto escoteiro lobo-guará.

No dia seguinte, 19/04, fui pela manhã no Parque Linear do Segredo conhecer mais de perto o trabalho desenvolvido pelo Drive Thru Ecoplantar.

No dia 21/04, fui ao Parque das Nações apurar os parquinhos infantis e o avanço urbano, lá entrevistei a dona de casa Fernanda Rodrigues, natural de Belém do Pará. em 23/04, houve a Audiência Pública sobre o projeto da ponte no Parque Linear do Segredo, a qual ocorreu às 19h no centro comunitário da Vila Saraiva, onde pude pegar o posicionamento do Ministério Público sobre as demandas que chegam na promotória.

No dia 24/04, ocorreu a reunião de alinhamento com o Helder Carvalho e o Juca Nunes para a diagramação do TCC.

Do dia 25/04 para frente fiquei focado em fazer pesquisas documentais e de dados para inserir na reportagem.

No dia 14/05, às 08h30, estive no edifício da Planurb na Avenida Calógeras. Cheguei ao local com 25 minutos de antecedência, apresentei-me e logo contataram a assessoria de imprensa. Esperei 10 minutos e fui recebido por Davi Teixeira, Diretor de Urbanismo da Planurb. Subi cinco lances de escada e entrei numa sala de reuniões onde, cinco minutos depois, entraram duas mulheres: Amanda Mariano, gerente das unidades de conservação e Letícia Urano, gerente de políticas ambientais e mudanças climáticas. Um dia antes, 13/05, foi pensado na

reunião de orientação em fazer um box de diferenciação da gestão pública da privada.

Após mais de três meses e meio de dedicação à construção deste Projeto Experimental, concluí minha participação na escrita, apuração, diagramação, execução e edição desta Grande Reportagem Imprensa.

2.2 Dificuldades Encontradas

O processo de execução da Grande Reportagem Imprensa enfrentou a resistência inerente à abordagem espontânea, desafio clássico do jornalismo de campo. A tentativa de capturar o cotidiano orgânico dos frequentadores resultou em recusas que exigiram do repórter persistência e sensibilidade para extrair relatos autênticos. A etapa de curadoria das fontes-personagens foi planejada e estratégica, buscou-se romper com o factualismo raso e a estrutura de "ping-pong", integrando as falas em uma narrativa fluida e densa. Para isso, realizou-se uma imersão imediata nas gravações de áudio após as visitas, selecionando os depoimentos que melhor sustentam o arco narrativo proposto.

A estruturação narrativa precisou ser repensada quando percebi que a geografia dos parques era secundária diante da urgência dos problemas. Parques distintos apresentavam os mesmos problemas de assoreamento, infraestrutura e a pressão urbana, o que tornaria uma divisão por locais repetitiva e cansativa. A solução foi organizar o material por retrancas temáticas que amarram a apuração.

A partir daí, o texto flui pelos conflitos dos animais silvestres e a degradação dos recursos hídricos, avançando para a ameaça silenciosa das espécies invasoras e a falta de fiscalização. O fechamento da narrativa se dá pelo contraste entre a preservação por iniciativa cidadã e o embate entre a engenharia e a natureza, focando no conceito de parque esponja e a ameaça da construção da ponte.

2.3 Objetivos Alcançados

Os objetivos foram atingidos por meio da elaboração de um registro jornalístico que relaciona a manutenção dos parques à função social da cidade. Os resultados demonstram que o desassoreamento de lagoas e a conservação de pontes e trilhas apresentam estágios distintos de execução dependendo da gestão administrativa vigente.

A apuração evidenciou que a impermeabilização de leitos de córregos com concreto interfere na velocidade da água e na ocorrência de inundações em pontos específicos, como o Parque Ayrton Senna.

Por outro lado, identificou-se que iniciativas de manejo contínuo e preservação da vegetação nativa, como as observadas no Parque Linear do Segredo, auxiliam na retenção de águas pluviais e na recolonização por espécies nativas.

O trabalho consolida dados sobre o lucro de concessionárias de saneamento e as metas de replantio ambiental previstas em licenciamentos, confrontando as obrigações legais com a realidade observada em campo

2.4 Justificativa

A escolha do tema "Parques Urbanos em Ruínas", justifica-se pela necessidade de investigar as contradições entre o planejamento urbanístico de Campo Grande (MS) e a realidade física e ambiental de suas áreas de lazer. Enquanto a capital sul-mato-grossense é reconhecida internacionalmente por sua arborização com o título "Tree City of The World", a Grande Reportagem Imprensa mostra um cenário de déficit de manutenção e degradação que compromete o uso desses espaços verdes urbanos pela população.

Do ponto de vista social, a relevância deste trabalho reside na defesa do lazer como um direito fundamental, estabelecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para as famílias residentes em regiões periféricas ou de menor poder aquisitivo, os parques públicos frequentemente representam a única opção acessível de convivência e recreação. Quando esses locais apresentam infraestruturas depredadas, como observado no Parque Jacques da Luz e no Parque Ecológico do Sóter, ocorre uma negação prática desse direito e uma segregação no acesso à cidade.

Ademais, este projeto experimental justifica-se pela abordagem de soluções e modelos de gestão alternativos. Ao registrar o trabalho do projeto Ecoplantar no Parque Linear do Segredo e o conceito de "cidade esponja", a reportagem demonstra como a iniciativa cidadã e o reflorestamento nativo podem atuar como ferramentas de infraestrutura urbana contra desastres ambientais.

Para Harvey, em seu artigo "O Direito à Cidade, publicado em 2008, o direito à cidade vai muito além do simples acesso ao que nela existe; é o direito de mudar a cidade de acordo com as necessidades de seus habitantes. Quando os parques públicos que deveriam ser bens comuns, são entregues ao abandono e com a falta de investimento em áreas menos abastadas, esse direito é cerceado. Relatar isso, é, portanto, dar voz à comunidade que reivindica o seu lugar na construção e no usufruto de uma Campo Grande mais justa e acessível para todos.

3 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

3.1 A Função Social e a Ética do Jornalismo Comunitário

O ponto de partida deste Projeto Experimental reside na compreensão de que o jornalismo, em sua essência, não é apenas um relato de fatos isolados, mas um instrumento de cidadania e transformação social. No contexto da grande reportagem impressa "Parque Urbano em Ruínas", o papel do jornalista alinha-se ao que Griguc (2012) define como a função social da profissão, especialmente no que tange ao jornalismo comunitário e de serviço. Ao investigar a infraestrutura de Campo Grande (MS), o trabalho assume um caráter de mediação entre as negligências do poder público e as necessidades de bem-estar da comunidade local.

Nesse sentido, a produção jornalística deve ser entendida como um projeto que busca dar visibilidade a problemas que, embora públicos, tornam-se "invisíveis" pelo descaso. Conforme aponta Griguc (2012, p. 10), a grande reportagem deve se destinar a todas as pessoas que se interessarem pelo assunto, valorizando a estética e a apuração para "ser fiel ao máximo a todas as informações coletadas". Afirma-se, portanto, que a função social do jornalista, neste trabalho, é a de atuar como um fiscal da realidade urbana, transformando o espaço de lazer em um espaço de debate.

3.2 A Grande Reportagem como Gênero de Profundidade e Narratividade

Para estruturar o formato impresso deste TCC, utiliza-se o gênero da Grande Reportagem Impressa. Diferente da notícia factual e efêmera, a grande reportagem impressa permite a reconstrução histórica e a profundidade. Segundo Lobato (2016), a reportagem é a unidade básica da produção jornalística que se caracteriza pela possibilidade de interpretação dos fenômenos sociais.

Ao investigar o estado de abandono dos parques em Campo Grande, o texto utiliza a narrativa jornalística para construir um sentido sobre o espaço urbano. Lobato (2016, p. 7) é assertivo ao definir o potencial deste gênero:

A reportagem é o lugar onde o jornalista é capaz de levar a conhecer: os fatos, as suas relações e o seu significado. No jornalismo, a reportagem é o gênero que melhor permite ao profissional exercer a sua função de intérprete da realidade, indo além da simples transmissão da informação.

Argumenta-se que a escolha por este gênero é a única capaz de dar conta da complexidade encontradas. O suporte teórico aqui defende que a reportagem sobre os parques não se esgota no dia da publicação, pois utiliza recursos de contextualização, perfis e a observação sensível. A escrita do autor, permitida no jornalismo impresso de fôlego, é o que possibilita que o cenário, no caso o parque degradado, deixe de ser um mero cenário e se torne um personagem da denúncia.

3.3 Parques Urbanos: Sustentabilidade, Simulacro e Políticas Públicas

A análise da infraestrutura dos parques de Campo Grande exige um embate com o conceito de sustentabilidade urbana. É imperativo afirmar que, muitas vezes, a criação de áreas verdes atende mais aos interesses de mercado do que ao bem-estar social. Gomes (2014) argumenta que o discurso ambiental é frequentemente usado para valorizar o solo urbano em bairros nobres, enquanto a manutenção em áreas menos favorecidas é negligenciada. Para o autor, muitos parques são "simulacros de natureza", ou seja, espaços que parecem preservados, mas são carentes de vida e infraestrutura real.

Gomes (2014, p. 1) sustenta que os parques urbanos são elementos discursivos que, contraditoriamente, "apresentam-se como alegorias, simulacros de natureza no espaço e no tempo". Essa afirmação mostra o estado de ruína dos parques em Campo Grande, um sintoma de uma política que prioriza a imagem da "cidade verde" em detrimento da funcionalidade real do equipamento público. Sobre a exclusão social gerada por esse modelo de gestão, o autor afirma:

Ao serem submetidos à lógica de mercado, os equipamentos e os serviços urbanos se voltam àqueles que podem pagar, ampliando a exclusão da população mais empobrecida. A atuação do Estado, ao contrário do que propõe a visão neoliberal, deveria ser a de afirmar o desenvolvimento das políticas públicas e obedecer à lógica da inversão de prioridades (Gomes, 2014, p. 11).

Portanto, este trabalho afirma que a ruína física do patrimônio público em Campo Grande é uma forma de violência simbólica contra o cidadão, que é privado do seu direito constitucional ao lazer e ao meio ambiente em um espaço urbano.

3.4 Jornalismo Ambiental Crítico e a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire

Por fim, a abordagem dos problemas ambientais e humanos nesta reportagem é fundamentada no Jornalismo Ambiental Crítico e na pedagogia de Paulo Freire. Girardi *et al.* (2023) propõem um jornalismo que não apenas informa dados técnicos, mas que promove o diálogo e a conscientização. Aplica-se aqui o conceito freiriano de "leitura de mundo", onde o jornalista deve ouvir a comunidade para entender como a degradação do parque afeta a sua dignidade.

Girardi *et al.* (2023, p. 153) afirmam que o jornalismo ambiental deve ser um "exercício de diálogo e de compromisso com a mudança de paradigma de pensamento". Argumenta-se que, ao dar voz aos usuários dos parques que são os principais "oprimidos" pelo descaso do poder público. A reportagem "Parque Urbano em Ruínas" não busca apenas a fala oficial da Prefeitura, mas afirma a necessidade de uma "ecologia de saberes", onde a experiência vivida pelo cidadão que convive com o abandono é tratada como fonte de conhecimento tão legítima quanto a fala da Planurb.

Em suma, a coesão deste suporte teórico é garantida pela integração dessas frentes, como a responsabilidade social de Griguc, a profundidade narrativa de Lobato, a crítica urbanística de Gomes e a humanização de Girardi e Freire. Juntos, esses autores sustentam a afirmação central deste trabalho: o "Parque Urbano em Ruínas" é um diagnóstico necessário sobre a dignidade urbana e o direito à cidade no Mato Grosso do Sul.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso cumpriu os objetivos propostos na fase de projeto, resultando na produção de uma Grande Reportagem Impressa sobre a situação estrutural e ambiental dos parques urbanos de Campo Grande. A investigação jornalística baseou-se no levantamento de dados oficiais, em observações de campo e em entrevistas com frequentadores, gestores públicos e especialistas da área ambiental.

Os resultados obtidos por meio da apuração indicam que os espaços verdes da capital apresentam diferentes níveis de conservação e problemas específicos em suas infraestruturas. Foram registrados problemas na manutenção de parquinhos infantis, banheiros e áreas esportivas em locais como o Parque das Nações Indígenas, o Parque Ecológico do Sóter e o Parque Jacques da Luz. No âmbito sanitário, constatou-se o acúmulo de resíduos e focos de proliferação de vetores de doenças, como o mosquito *Aedes aegypti*, associados à interrupção dos serviços de limpeza periódica em determinadas unidades.

No aspecto ambiental, a reportagem documentou fenômenos de assoreamento de cursos d'água, supressão de mata ciliar e secamento de leitos hídricos, além do avanço da espécie exótica invasora leucena em múltiplos parques da cidade. A análise técnica e os depoimentos de especialistas apontaram que a impermeabilização do solo por meio da concretagem de leitos afeta a velocidade do escoamento pluvial, relacionando-se diretamente com os episódios de inundação observados nas vias perimetrais e no interior das áreas de lazer.

Em relação aos modelos de administração, o trabalho registrou a coexistência de três formatos de gestão em Campo Grande: a administração pública direta, a concessão para a iniciativa privada conforme o acordo firmado entre o município e o Sesc/Senac para o Horto Florestal, e as iniciativas autônomas de base comunitária, como o projeto Ecoplantar no Parque Linear do Segredo. A situação em torno da proposta de construção de uma ponte na região do Segredo evidenciou o contraste entre o planejamento viário da Planurb e as demandas de preservação dos moradores e do Ministério Público Estadual.

Do ponto de vista metodológico, a elaboração deste relatório e do produto jornalístico demandou a conciliação de fontes governamentais e institucionais com relatos de moradores afetados pelas condições locais. Conclui-se que o diagnóstico

apresentado cumpre a função de registrar as dinâmicas de crescimento urbano e conservação ambiental de Campo Grande, servindo como documento jornalístico sobre a aplicação das diretrizes de planejamento urbano e da legislação vigente, como a Lei 15.333 de 2026.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (Brasil). *Manual de Recuperação de Áreas Degradadas pela Extração de Areia*. Brasília: ANA, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/ana>. Acesso em: 4 mai. 2026.
- AMERICAN KENNEL CLUB (AKC). *Border Collie Dog Breed Information*. New York: AKC, 2026. Disponível em: <https://www.akc.org>. Acesso em: 4 mai. 2026.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HÍDRICOS (ABRHidro). *Recursos Hídricos e Gestão Urbana: Bacias Hidrográficas de Campo Grande*. Porto Alegre: ABRHidro, [2023]. Disponível em: <https://www.abrhidro.org.br/>. Acesso em: 26 abr. 2026.
- BRASIL. [Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012]. *Lei Complementar nº 12.651, de 25 de maio de 2012*. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nos 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nos 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm. Acesso em: 4 mai. 2026.
- CAMPO GRANDE (MS). *Pela 7ª vez seguida, Campo Grande conquista título "Cidade Árvore do Mundo"*. CG Notícias, Campo Grande, 21 mar. 2025. Disponível em: <https://www.campogrande.ms.gov.br/cgnoticias/noticia/pela-7a-vez-seguida-campo-grande-conquista-titulo-cidade-arvore> HYPERLINK "https://www.campogrande.ms.gov.br/cgnoticias/noticia/pela-7a-vez-seguida-campo-grande-conquista-titulo-cidade-arvore-do-mundo/"e-do-mundo/. Acesso em: 26 abr. 2026.
- CAMPO GRANDE (MS). *SisgranMaps: Sistema Municipal de Indicadores de Campo Grande*. Campo Grande: Agência Municipal de Meio Ambiente e Planejamento Estratégico (Planurb), [2009]. Disponível em: <https://sisgranmaps.campogrande.ms.gov.br/>. Acesso em: 26 abr. 2026.
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS (DNOCS). *Tilápia: conheça a versatilidade desse peixe de água doce*. Brasília: Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/tilapia-conheca-a-versatilidade> HYPERLINK "https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/tilapia-conheca-a-versatilidade-desse-peixe-de-agua-doce"-desse-peixe-de-agua-doce. Acesso em: 26 abr. 2026.
- ECONODATA. *Lista de empresas do setor imobiliário em Campo Grande, MS*. [2026]. Disponível em: <https://www.econodata.com.br/empresas/ms-campo-grande/imobiliario>. Acesso em: 4 mai. 2026.
- EMBRAPA. *Mata ciliar: o que é e para que serve*. Brasília, DF: Embrapa, [2026]. Disponível em: <https://www.embrapa.br/cerrados/colecao-entomologica/bioma-cerrado/mata-ciliar>. Acesso em: 4 mai. 2026.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). *Leucena: ocorrência e usos no Brasil*. Brasília: Embrapa, [2023]. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/registros-historicos-leucena>. Acesso em: 26 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRUPO ESCOTEIRO DO GUARÁ. *Página Oficial*. Campo Grande, MS, [2025]. Disponível em: <https://www.escoteirosdoquara.org.br/>. Acesso em: 26 abr. 2026.

IHGMS. *Quais os cursos d'água que formam o córrego Prosa em Campo Grande?* Campo Grande, [s.d.]. Disponível em: <https://ihgms.org.br/vc-sabia/quais-os-cursos-dagua-que-formam-o-corrego-prosa-em-campo-grande-51>. Acesso em: 4 mai. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Bacias e divisões hidrográficas do Brasil: BHB250 e DHN250*. Rio de Janeiro: IBGE, [2021]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/informacoes-ambientais/31653-bacias-e-divisoes-hidrograficas-do-brasil>. Acesso em: 26 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Brasil em Síntese: Campo Grande (MS)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/campo-grande.html>. Acesso em: 26 abr. 2026.

LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/lander.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2026.

LENCASTRE, Marina Prieto Afonso; FARINHA-MARQUES, Paulo. *Da Biofilia à Ecoterapia: a importância dos parques urbanos para a saúde mental*. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, v. 61, p. 129-143, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/354582361>. Acesso em: 22 maio 2024.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Educação Ambiental e Epistemologia Crítica*. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 32, n. 2, p. 4-22, 2015. DOI: 10.14295/remea.v32i2.5192.

MATO GROSSO DO SUL. *Desassoreamento do lago de contenção chega a 80% e já repercute no ecossistema do Parque das Nações Indígenas*. Agência de Notícias de MS, Campo Grande, 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ms.gov.br/desassoreamento-do-lago-de-contencao-chega-a-80-e> HYPERLINK "https://agenciadenoticias.ms.gov.br/desassoreamento-do-lago-de-contencao-chega-a-80-e-ja-repercute-no-ecossistema-do-parque-das-nacoes-".

[indigenas/"-ja-repercute-no-ecossistema-do-parque-das-nacoes-indigenas/](#). Acesso em: 26 abr. 2026.

MATO GROSSO DO SUL. *Governador vistoria obra no lago do Parque das Nações Indígenas*. Semadesc, Campo Grande, 2019. Disponível em:

<https://www.semadesc.ms.gov.br/governador-vistoria-obra-no-lago-do-parque-das-nacoes-indigenas/>. Acesso em: 26 abr. 2026.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. *O pai das cidades-esponja: os 4 dados surpreendentes sobre Kongjian Yu, o arquiteto chinês que morreu no Pantanal*. São Paulo: National Geographic, 2025. Disponível em:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2025/09/o-pai-das-cidades-esponja-os-4-dados-surpreendentes-sobre-kongjian-yu-o-arquiteto-chines-que-morreu-no-pantanal>. Acesso em: 26 abr. 2026.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. *O que é uma cidade-esponja e como ela funciona para evitar enchentes?* São Paulo: National Geographic, 2024. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2024/05/o-que-e-uma-cidade-esponja-e-como-ela-funcio> HYPERLINK

"<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2024/05/o-que-e-uma-cidade-esponja-e-como-ela-funciona-para-evitar-enchentes>"na-para-evitar-enchentes. Acesso em: 26 abr. 2026.

SESC MS. *Sistema Comércio MS firma parceria para revitalização do Horto Florestal com uso de mão de obra de internos*. Campo Grande, 2024. Disponível em: <https://www.sescms.com.br/noticias/sistema-comercio-ms-firma-parceria-para-revitalizacao-do-horto-florestal-com-uso-de-mao-de-obra-de-internos/>. Acesso em: 4 mai. 2026.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE PURIFICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA E EM SERVIÇOS DE ESGOTO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL (SINDÁGUA-MS). *Lucro bilionário e tarifas nas alturas: trabalhadores da Águas Guariroba seguem sem reposição da inflação*. Campo Grande, [2024]. Disponível em: <https://sindaguams.org.br/lucro-bilionari> HYPERLINK
"https://sindaguams.org.br/lucro-bilionario-e-tarifas-nas-alturas-trabalhadores-da-aguas-quariroba-seguem-sem-reposicao-da-inflacao/"o-e-tarifas-nas-alturas-trabalhadores-da-aguas-quariroba-seguem-sem-reposicao-da-inflacao/. Acesso em: 26 abr. 2026.

S.O.S. AGUA LIMPA. *Dados Cadastrais: CNPJ 43.994.648/0001-33*. Serasa Experian, [2021]. Disponível em: <https://empresas.serasaexperian.com.br/consulta-gratis/SOS-AGUA-LIMPA-43994648000133>. Acesso em: 26 abr. 2026.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. *Relatório Anual de Atividades e Estatísticas*. Curitiba: Escritório Nacional, 2026. Disponível em: <https://www.escoteiros.org.br>. Acesso em: 4 mai. 2026.

UNITED NATIONS. *Universal Declaration of Human Rights*. San Francisco, 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 26 abr. 2026.

WOSM - World Organization of the Scout Movement. *Scouting Worldwide: facts and figures*. Genebra: World Scout Bureau, 2026. Disponível em: <https://www.scout.org>. Acesso em: 4 mai. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Campo Grande: panorama. Rio de Janeiro: IBGE, [2026]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/campo-grande.html>. Acesso em: 14 jun. 2026.

OLIVEIRA, Alysso André Régis. Plano de Ensino: O Público e o Privado na Gestão Pública. João Pessoa: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), 2017. Disponível em:
https://estudante.ifpb.edu.br/media/cursos/147/disciplina/O_Publico_e_o_Privado.pdf.
Acesso em: 14 jun. 2026.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de perguntas norteadoras para a entrevista com fontes especialistas

Vereadora de Campo Grande (MS) - Luiza Ribeiro

- 1. Para o meu estudo sobre o panorama dos parques urbanos, qual a senhora acredita que será o impacto visual e ambiental de Campo Grande daqui a 10 anos se a atual política de verticalização agressiva não for contida agora?*
- 2. Considerando que áreas como a Chácara Cachoeira e o Santa Fé são regiões consolidadas e antigas, a senhora possui informações sobre a capacidade real da rede de suportar esse adensamento sem gerar refluxos ou contaminação do lençol freático que alimenta os lagos dos parques?*
- 3. Considerando que o Parque é um bem público estadual, a senhora acredita que o Ministério Público deveria intervir com mais rigor para impedir que decisões municipais de adensamento urbano anulem os esforços de conservação ambiental feitos pelo Imasul?*
- 4. Sua proposta de tombamento do Complexo do Parque dos Poderes é uma medida extrema de proteção. Caso o projeto não avance na Câmara, quais são as outras vias judiciais (como Ações Cíveis Públicas) que o seu mandato ou a sociedade civil podem adotar para impedir que o entorno dos parques se torne um paredão de concreto?*

Médico Veterinário - Rafael Hoogestejin

- 1. Quais são as espécies que o senhor identificou como as primeiras a desaparecer do Parque Ecológico do Sóter?*
- 2. Qual foi o impacto na ictiofauna (peixes) e nos anfíbios, que habitam o parque?*

Caique Bonfietti - SESC

- 1. Existe algum projeto para a implementação de novas áreas de lazer?*
- 2. Como está o planejamento para a gestão de resíduos e preservação das nascentes/recursos hídricos do Horto?*
- 3. Qual é o principal entrave técnico que vocês mapearam e que pode ditar o ritmo real das entregas?*
- 4. Como está a delimitação de responsabilidades? Onde termina o dever do Sesc e onde começa o da Prefeitura, caso algo no projeto não saia como o planejado?*

Agência de Planejamento Urbano de Campo Grande (MS) (PLANURB)

- 1. Como a Planurb projeta o equilíbrio entre a verticalização no entorno dos parques e a manutenção da permeabilidade do solo?*
- 2. Quais são os principais critérios técnicos utilizados para mitigar o impacto das grandes edificações no microclima dessas áreas verdes?*
- 3. No planejamento atual, como é feita a articulação para que o sistema de drenagem urbana não resulte no assoreamento dos lagos e cursos d'água dentro dos parques?*

APÊNDICE B - Perguntas para Fontes Personagens

Advogada Adriana e moradora em frente ao Parque Ecológico do Sóter

- 1. Como foi a denúncia no caso do Parque Ecológico do Sóter e o que te motivou a fazer ela?*
- 2. Ao levar essas demandas para a Prefeitura, quais foram os caminhos jurídicos ou administrativos que a senhora utilizou para pressionar por respostas?*

Leopoldina e Adrian Lucas - Frequentadores do Parque Ecológico do Sóter

- 1. Quais problemas vocês observam como recorrente aqui no Parque Ecológico do Sóter?*
- 2. Vocês frequentam aqui com frequência?*

Alice de Lima - Estudante e frequentadora do Parque Jacques da Luz

- 1. Quais problemas você identifica aqui no Parque?*
- 2. Onde você costuma mais frequentar aqui no Parque?*
- 3. Você frequenta aqui desde criança?*

Fernanda Roberta - Frequentadora do Parque das Nações Indígenas

- 1. O que aconteceu com o pezinho da sua filha?*
- 2. Vocês frequentam bastante aqui?*
- 3. Quais problemas vocês percebem aqui no Parque das Nações Indígenas?*

Marina Solon e Marcos Kirst - Responsáveis pelo Drive Thru da Ecoplantar que fica inserido no Parque Linear do Segredo

- 1. Como surgiu o projeto de Drive Thru da Ecoplantar?*
- 2. Quantas mudas no total já foram plantadas aqui neste espaço?*
- 3. Como funciona a Mata Ciliar aqui no Parque?*
- 4. Como esse projeto da ponte na Planurb pode interferir aqui neste espaço?*

Vera Mazzarotto - Frequentadora do Parque Linear do Segredo

- 1. Há quanto tempo você frequenta o Parque Linear do Segredo?*

2. Na sua percepção, qual importância da gestão pública estar preservando e zelando esses espaços?

3. Qual a importância do Projeto Ecopantar?

4. O que a senhora pensa sobre a ponte que a Planurb pretende fazer aqui neste local?

Viviane Matzenbacher - Presidenta do Grupo Escoteiro Lobo Guará12-MS

1. Há quanto tempo vocês estão aqui na Arena do Horto?

2. As atividades desenvolvidas aqui na Arena do Horto eram diferentes das atividades desenvolvidas no Horto Florestal?

3. O que o Grupo Escoteiro Lobo Guará12-MS espera dessa nova gestão do SESC?

Tayza Alana, médica veterinária que trabalha em frente a clínica do Parque Ayrton Senna

1. Quando chove aqui, como fica a região no entorno do parque e também como fica o parque?

2. O senhor começou a empreender em que ano?

3. Quais problemas além das enchentes o senhor identifica aqui no Parque Ayrton Senna?

Roger Araujo, mecânico aeronáutico e voluntário da ONG S.O.S Água Limpa

1. Por quais motivos que o córrego acimentado não é adequado?

2. O que faz a ONG S.O.S Água Limpa?

Alexandre Ferro, servidor do Insitituto de Meio Ambiente do Mato Grosso do Sul (IMASUL) e frequentador do Parque Linear do Segredo

1. Há quanto tempo o senhor frequenta este parque?

2. O que o senhor pensa sobre a ponte que a Planurb pretende fazer aqui neste local?



Parques urbanos

EM RUÍNAS

Além do mato alto e do lixo, áreas públicas de lazer em Campo Grande enfrentam problemas ambientais como o assoreamento e o crescimento urbano desordenado

Gabriel Issagawa





A popular “Praia das Moreninhas” ou Parque Jacques da Luz é o principal espaço de lazer para os moradores da região sul da capital. Foto: Gabriel Issagawa



Brinquedos desgastados e sem manutenção comprometem a segurança das crianças nos parquinhos infantis. Foto: Gabriela Almeida

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Organização das Nações Unidas (ONU), estabelece, em seu artigo 24, que todo ser humano tem direito ao repouso e ao lazer. Em uma cidade, esse direito se materializa nos parques, locais de contato direto com a natureza. No entanto, quando são abandonados, é negado o direito do cidadão e o bem-estar da população. A falta de manutenção é visível em parquinhos infantis, piscinas secas, gramado alto, banheiros inutilizáveis e bancos quebrados.

Na região mais valorizada de Campo Grande, está localizado o maior parque urbano da cidade, o Parque das Nações Indígenas, que abriga uma vasta área verde de 1.163.876,93 metros quadrados, dentro de um perímetro urbano, inaugurado em 17 de agosto de 1993. Após quase 33 anos, o espaço verde de lazer passou por várias gestões políticas, tendo iniciado na de Pedro Pedrossian (1991-1995). Com seis portarias que homenageiam comunidades indígenas daqui de MS, como Nhandeva, Guarani, Kaiowá, Guató, Terena e Kadiwéu, quem visita sente a falta de manutenção do espaço de lazer. É o caso de Fernanda Roberta, que tem 21 anos. Sua filha de apenas três anos machucou os dois pés ao brincar no parquinho. “O Governo do Estado tem muito o que melhorar em relação a este espaço. Minha filha veio hoje brincar aqui e o escorregador estava metade quebrado, falta investimento nos parques públicos, aqui é um lugar público. Em pontos positivos, a grama está bem aparada”.



Natural de Belém (PA), Fernanda Roberta compartilha sua percepção sobre o Parque das Nações Indígenas. Foto: Gabriela Almeida



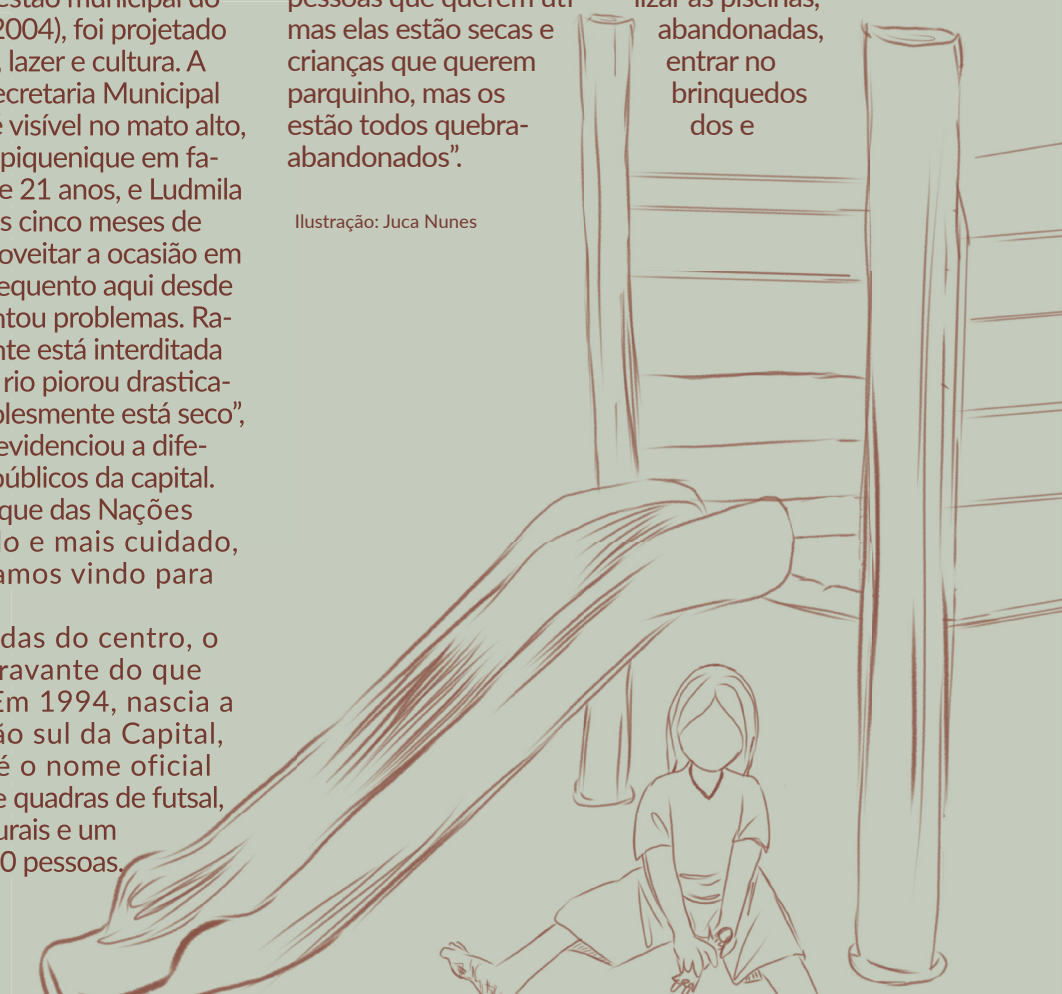
Brinquedo de madeira apresenta desgaste na pintura e buracos na base do escorregador, oferecendo riscos de ferimentos para as crianças. crédito: Gabriel Issagawa

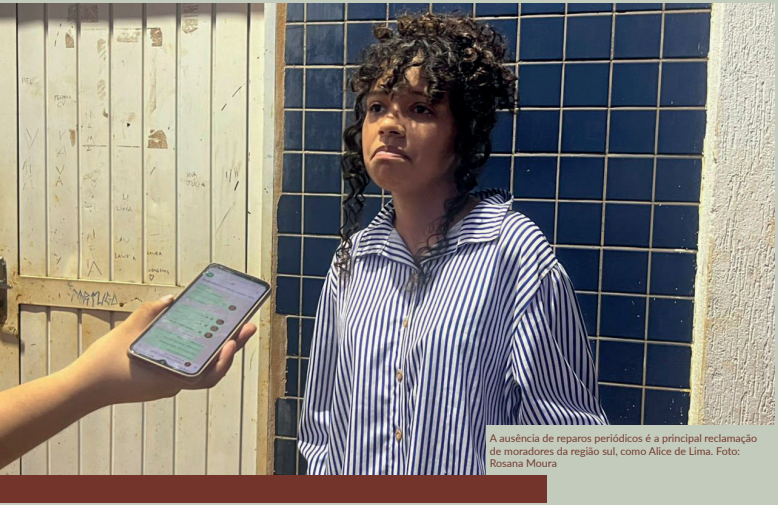
Em 2023, o parque estava em consideração para ser privatizado, segundo o Escritório de Parcerias Estratégicas (EPE) do Governo de Mato Grosso do Sul. No projeto, consta também a privatização do Parque Estadual do Prosa. O projeto continua em andamento. Para os moradores da região do bairro Mata do Jacinto, não há diferença em relação ao Parque das Nações Indígenas no quesito cuidado pela gestão pública. Localizado na região norte da cidade, o lazer de domingo no Parque Ecológico do Sóter transformou-se em um exercício de resiliência. Criado em 2004, na gestão municipal do ex-prefeito André Puccinelli (1997-2004), foi projetado como parque modelo para esportes, lazer e cultura. A falta de manutenção por parte da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano (Planurb) é visível no mato alto, que impede até mesmo um simples piquenique em família. O casal Adrian Lucas Moreli, de 21 anos, e Ludmila Gomes, de 19, até tentou celebrar os cinco meses de namoro, mas sequer foi possível aproveitar a ocasião em razão da paisagem sem cuidado. “Frequento aqui desde criança e este parque sempre enfrentou problemas. Raramente a grama está cortada, a ponte está interditada para travessia, aquilo está podre e o rio piorou drasticamente, nem água tem, só areia, simplesmente está seco”, disse Ludmila. O namorado, Lucas, evidenciou a diferença de cuidado entre os espaços públicos da capital. “Gostaríamos de comemorar no Parque das Nações Indígenas, que é mais organizado e mais cuidado, vamos pouco para lá, mas acabamos vindo para cá pela proximidade”.

Em algumas regiões mais afastadas do centro, o cenário é similar ou até mais agravante do que no Parque Ecológico do Sóter. Em 1994, nascia a “Praia das Moreninhas”, na região sul da Capital, ou, Parque Jacques da Luz que é o nome oficial e que conta com uma estrutura de quadras de futsal, vôlei, palco para apresentações culturais e um estádio com capacidade de até 4.500 pessoas.

Porém, o que se vê atualmente é o estádio com goteiras, quadras sem manutenção e pneus com água parada, com ovos do mosquito transmissor da dengue. Até abril de 2026, de acordo com o boletim da Secretaria de Estado de Saúde de MS (SES), 4.200 casos foram registrados na capital e o lixo dentro do espaço não é retirado há semanas, de acordo com quem frequenta, como Alice de Lima, de 14 anos, que nasceu na região das Moreninhas e frequenta o espaço desde criança. “Esse parque está muito ruim, tem gente que joga muito lixo aqui, há pessoas que querem utilizar as piscinas, mas elas estão secas e abandonadas, crianças que querem entrar no parquinho, mas os brinquedos dos e estão todos quebrados e abandonados”.

Ilustração: Juca Nunes





A ausência de reparos periódicos é a principal reclamação de moradores da região sul, como Alice de Lima. Foto: Rosana Moura



Pneus descartados irregularmente no Parque Jacques da Luz acumulam água da chuva e tornam-se criadouros ideais para o Aedes aegypti. O descuido pode acarretar a dengue, zika e chikungunya. Foto: Rosana Moura



O encontro dos córregos Cascudo e Noroeste dá vida ao Prosa que, ao encontrar o Segredo dentro do Horto Florestal, forma o Rio Anhandui. Este ponto exato, o Marco Zero, De acordo com o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), este é o coração geográfico e histórico onde Campo Grande nasceu. Foto: Gabriel Issagawa

Horto Florestal e sua nova gestão

O trajeto até o Parque Antônio de Albuquerque, na região central da cidade, começa no compasso do transporte público. O balanço da condução dita o ritmo de quem cruza a cidade rumo ao espaço verde urbano. Ao desembarcar, o visitante depara-se com um local carregado de memória, o local que, em 1956 era nomeado Parque Antônio de Albuquerque, passou a ser popularmente conhecido como Horto Florestal.

Na chegada, quem frequenta encontra o portão principal fechado, o acesso só é possível após um contorno a pé pela área externa, percurso que força um olhar atento à estrutura do parque, onde o tempo e a umidade deixaram marcas e manchas escuras no concreto. É possível escutar barulhos de crianças e adolescentes no portão da Arena do Horto, são os escoteiros Lobo-Guará 12MS, grupo criado em 1993, com mais de 33 anos em Campo Grande (MS).

À frente da organização das atividades desenvolvidas no Parque Horto Florestal, a presidenta dos escoteiros lobo-guará, Viviane Matzenbacher, de 45 anos, observa o contraste entre a ocupação social e o estado físico do patrimônio. Para ela, a situação atual é um reflexo direto das mudanças na administração e da falta de continuidade nas políticas de conservação. “A falta de manutenção e de investimentos da gestão pública fez com que viéssemos para a Arena do Horto, a área verde não é tão grande, mas conseguimos desenvolver as atividades com as crianças e adolescentes”. No dia 23 de dezembro de 2025, foi publicado no Diário Oficial da União do Município o acordo de 20 anos entre o Serviço Social de Comércio (Sesc) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Dessa forma, a gestão pública transfere a responsabilidade e privatiza o Horto Florestal. O objetivo é que as instituições mantenham e conservem o parque que está depredado há mais de dez anos.



Banheiros depredados no Horto Florestal evidenciam a falta de manutenção no parque. Foto: Gabriel Issagawa



Com aporte de R\$3,5 milhões do Sesc MS, o Horto Florestal vai passar por revitalização da iniciativa privada. O investimento foca na recuperação da biodiversidade e na modernização do espaço verde para uso da comunidade. Foto: Gabriel Issagawa

Viviane Matzenbacher fala com esperança sobre a transferência da gestão pública municipal do Horto Florestal para a iniciativa privada. “Nós estamos com expectativas muito boas para voltarmos para o outro lado da ponte e desenvolvermos atividades no espaço verde”.

Nós estamos com expectativas muito boas para voltarmos para o outro lado da ponte e desenvolvermos atividades no espaço verde - Viviane Matzenbacher

Com mais de 100 mil horas de trabalho voluntário, Matzenbacher relata o objetivo da formação cidadã. “Temos o objetivo de ensinar para as crianças e jovens que precisamos deixar o mundo melhor do que encontramos. Nesta parte da Arena do Horto reformamos mais de 45 bancos e sempre depois das atividades a gente limpa tudo”. Para Caique Bonfietti, Analista de Produtos do Sesc-MS e responsável por projetos de sustentabilidade, a atuação no Horto vai além da manutenção de um espaço verde; trata-se de um projeto educativo estruturante. Bonfietti destaca que o pilar central é a Educação Ambiental, utilizando o espaço para integrar escolas e instituições à realidade local. “A gente não tem a menor intenção de descaracterizar o horto, pois a população lembra dele com carinho. Pretendemos levar cultura, oficinas, shows e fomentar a cultura”, afirma o analista.

Diferentes tipos de gestão

Tipo de gestão	Gestão Pública	Gestão Privada
Objetivo Principal	Interesse Público (Social)	Lucro (Econômico)
Princípio Norteador	Legalidade estrita	Autonomia
Público-alvo	Cidadão (Universalidade)	Consumidor (Segmentação)
Controle	Tribunais de Contas da União (TCU-MS) e Sociedade	Auditorias e Acionistas
Relação de Trabalho	Concurso e Comissionado	CLT (Consolidação das Leis de Trabalho)

Animais Silvestres, recursos hídricos e problemas ambientais

Os espaços verdes urbanos de Campo Grande enfrentam uma crise que ameaça a sobrevivência de espécies típicas do bioma Cerrado. Animais como capivaras, cutias e tatus-bola perdem espaço à medida que a degradação avança sobre o Córrego Prosa, um dos cursos d’água mais antigos da capital. O veterinário Rafael Hoogesteijn, mestre em Animais Silvestres pela Universidade de Gainesville (Flórida), associa o desaparecimento progressivo da fauna ao acentuado assoreamento da microbacia do Prosa. “No Parque Ecológico do Sóter, a mata ciliar ao lado do manancial foi suprimida. Hoje, não se veem mais a cutia, espécie frequente do nosso bioma, nem as capivaras, nativas do Cerrado e que dependem das margens dos rios. Peixes e tartarugas também desapareceram. O rio secou”. A ausência da vida silvestre, que antes caracterizava o parque, é o indicador mais visível do colapso hídrico que afeta a região norte da cidade. De acordo

com a Associação Brasileira de Recursos Hídricos (ABRHidro), a malha hídrica define o território urbano e rural por meio de 33 córregos principais, que se articulam em uma complexa rede de drenagem natural. Essas linhas d’água, fundamentais para o equilíbrio ambiental da capital, estão distribuídas em nove bacias hidrográficas: Anhanduí, Bandeira, Bálsamo, Botas, Coqueiro, Imbirussu, Lagoa, Prosa e Segredo. Entre os afluentes que compõem esse cenário, destacam-se cursos como o Cabaça, Cascudo, Guariroba, Itanhangá, Jandoi, Pindaré, Prosa, Réveillon, Sóter e Vendas, formando um mosaico hídrico que sustenta o desenvolvimento de uma das maiores cidades de Mato Grosso do Sul.

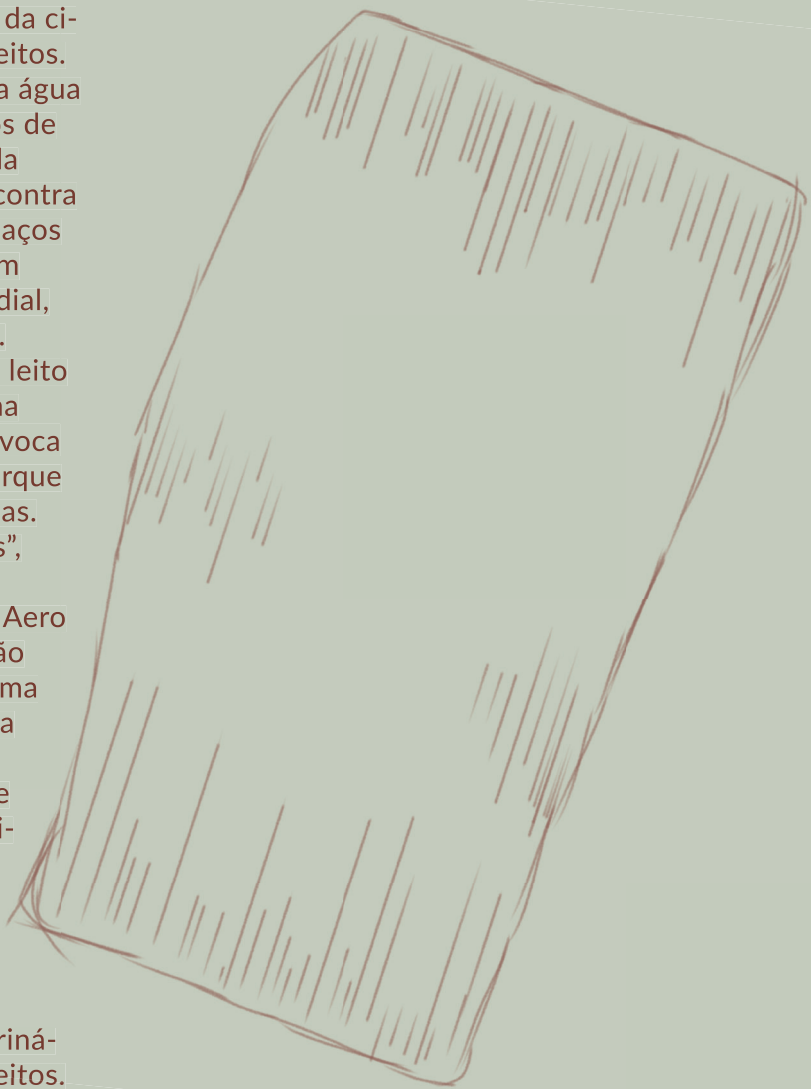
A observação do mecânico da aeronáutica, Roger Araújo, de 58 anos, utiliza a geografia da capital como prova de um erro histórico. À frente da Organização Não Governamental (ONG) S.O.S Água Limpa, que tem como objetivo fazer a limpeza de bacias como da Anhanduí e também cobrar melhorias, e com a experiência de quem já percorreu 18 países, o mecânico identifica nos parques da cidade o resultado da impermeabilização dos leitos. Para Araújo, o descaso com o fluxo natural da água é o que transforma áreas de lazer em cenários de destruição. O profissional alega que a força da correnteza, potencializada pelo concreto, encontra seu ponto de ruptura principalmente nos espaços públicos mais frequentados. “O que vemos em Campo Grande é uma exceção negativa mundial, o fundo dos córregos totalmente concretado. Quando a água não tem para onde correr e o leito não oferece resistência natural, ela ganha uma velocidade surreal. É esse fenômeno que provoca as inundações recorrentes que castigam o Parque Ayrton Senna e o Parque das Nações Indígenas. O concreto, tornou-se o vilão desses espaços”, explica.

A infraestrutura do Parque Ayrton Senna, no Aero Rancho, na região sul da cidade, a manutenção irregular da vegetação e a obstrução do sistema de drenagem formam um cenário que impacta a saúde pública e a viabilidade econômica do comércio local. O mato alto, ao avançar sobre as calçadas, altera o ecossistema urbano, facilitando a permanência de roedores em áreas de circulação humana.

Essa configuração física do espaço público reflete-se na rotina operacional dos estabelecimentos vizinhos. Localizada exatamente em frente ao parque, a clínica da veterinária Taiza Alana, de 32 anos, exemplifica os efeitos. Além da questão sanitária relacionada às pragas, o fator crítico é o hídrico. O entupimento das bocas de lobo nas vias perimetrais impede o escoamento das águas pluviais, convertendo a rua em um ponto de inundação frequente.

A reincidência desses eventos exige adaptações estruturais e acarreta prejuízos. Conforme o relato de Taiza, o volume de água acumulado durante as chuvas rompe a barreira do meio-fio e atinge o interior do comércio: “Já alagou a clínica mais de uma vez, e a rua do parque, sempre quando chove, alaga de forma intensa”.

Para quem investe no entorno e para quem frequenta os parques, a aplicação da Lei 15.333 pode ser uma esperança para ter mais dignidade. O projeto escrito pela senadora Damares Alves (Republicanos) e sancionado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em oito de janeiro de 2026, determina que a nova legislação passa a integrar o planejamento urbano das cidades e que as capitais e municípios brasileiros mantenham os espaços de convivência seguros e conservados para crianças e adultos.



Parque Ayrton Sena -
Ilustração: Juca Nunes

Hidrografia de Campo Grande: O Mapa das Águas Urbanas

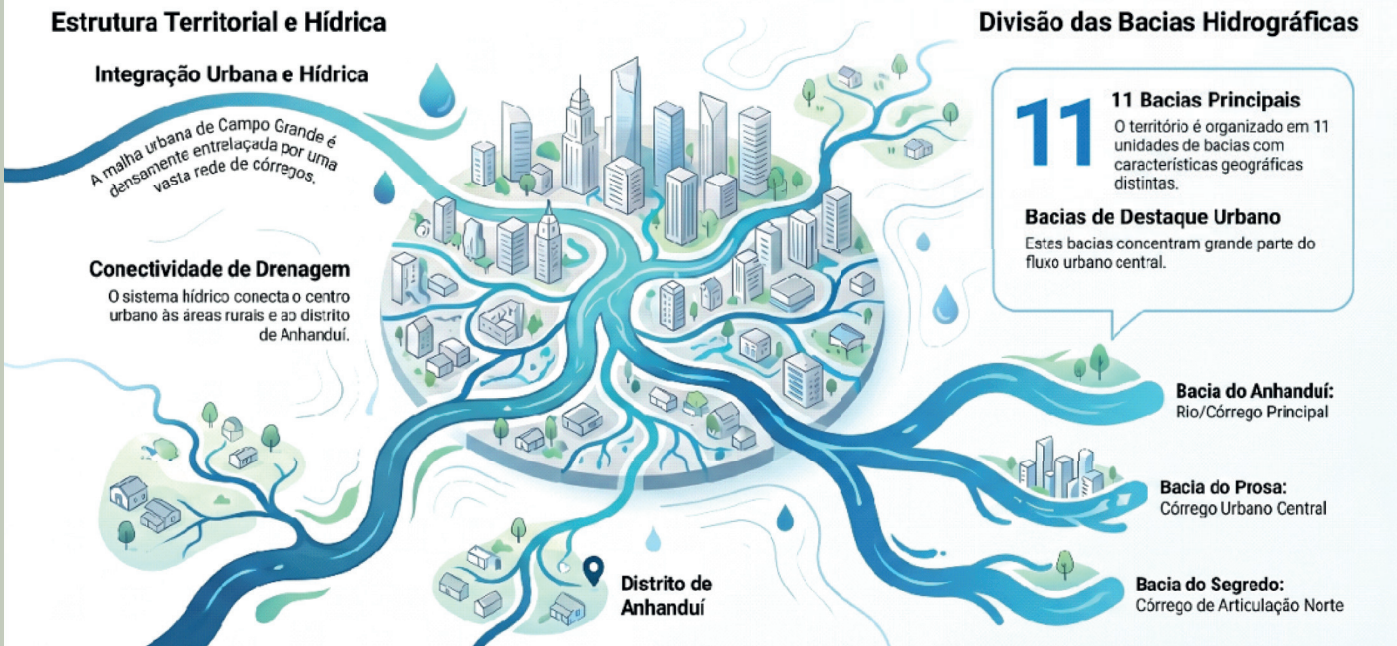


Ilustração feita a partir do site NotebookLM

Este curso d’água, formado por córregos e bacias hidrográficas, é um componente vital da Bacia do Rio Anhanduí, considerada a maior da cidade e composta pelos afluentes Prosa e Segredo. A Itaipu Binacional, uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo, aponta que a região ainda atua como canal para espécies migratórias de água doce, como o Dourado, o Pintado e o Pacu. No Parque das Nações Indígenas, localizado em uma das áreas mais valorizadas da capital, a lagoa que ancora a paisagem central do espaço atrai o olhar de quem busca refúgio na natureza. No entanto, o contraste entre a beleza do cenário e a realidade ambiental torna-se evidente à medida que se aproxima das margens. A lagoa, alvo de um processo de desassoreamento iniciado em 2019 durante a gestão do ex-governador Reinaldo Azambuja (PL), encontra-se com as intervenções paralisadas desde janeiro de 2025 sob a atual administração do governador Eduardo Riedel (Progressistas). A tonalidade marrom da água indica a suspensão de sedimentos e o impacto das chuvas. Próxima à margem, a cena de uma tilápia (*Oreochromis niloticus*) em estágio de decomposição, cercada por insetos, evidencia o desequilíbrio do ecossistema local, ao mesmo tempo em que reforça a importância da manutenção.



A Tilápia é um peixe omnívoro, herbívoro ou fitoplanctófago. Alimenta-se de insetos, microcrustáceos, sementes, frutos, raízes, algas, plâncton e pequenos peixes. Foto: Gabriel Issagawa

A ameaça das espécies invasoras

Além do mato alto e do lixo, os parques urbanos de Campo Grande enfrentam a invasão de leucenas. Essa árvore cresce muito rápido e espalha sementes que impedem a recuperação da vegetação original. A remoção dessas árvores em áreas urbanas segue normas legais para proteger o ecossistema nativo, conforme detalha a lei municipal 7.418 que, em julho de 2025, começou o processo de retirada dessa espécie invasora. De acordo com registros da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a leucena foi introduzida no Brasil na década de 1940. Em Campo Grande, essa planta pode ser encontrada no Horto Florestal, no Parque das Nações Indígenas, no Parque Jacques da Luz, no Parque Ayrton Senna e no Parque dos Poderes. Em Campo Grande, conhecida como uma das cidades mais arborizadas do mundo pelos sete prêmios Tree City of the World, o que se vê na maioria dos parques é a falta de vistoria do poder público diante de problemas que se acumulam a cada dia. A degradação e a recuperação ambiental em Mato Grosso do Sul são temas centrais na trajetória de Letícia Garcia Couto, mestra em Botânica e professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A pesquisadora monitora o avanço de espécies invasoras, com ênfase na proliferação da leucena, planta que compromete a biodiversidade local e exige estratégias de controle para a recomposição da vegetação nativa.

Couto destaca que a espécie possui alta capacidade reprodutiva, duas vezes ao ano, e há registros de invasão em ecossistemas como as Ilhas Galápagos e Fernando de Noronha. No cenário local, a especialista observa lacunas na gestão pública: embora o manejo seja realizado pela prefeitura, a efetiva restauração das áreas após a retirada da planta permanece limitada. Segundo a pesquisadora, um exemplo de controle contínuo ocorre no Parque Linear do Segredo. O local foi objeto de estudo de Lucas Ribas Casanova, biólogo e mestrando, cujo trabalho de conclusão de curso indicou que a área serve como piloto para a recolonização de espécies nativas. “A leucena possui alta capacidade reprodutiva e escala global de invasão, o que exige manejo contínuo para que as espécies nativas consigam recolonizar o espaço, como observamos no Parque Linear do Segredo”.



Parque dos poderes -
Ilustração: Juca Nunes

Falta de Fiscalização

O planejamento urbano de Campo Grande remonta à década de 1980, com a implementação do primeiro Plano Diretor e intervenções estruturais como o alargamento da Avenida Afonso Pena. Contudo, o desenvolvimento da capital foi marcado pela supressão de nascentes decorrente da atividade construtiva, o que gerou impactos diretos na gestão ambiental e no saneamento básico. Atualmente, o debate sobre o equilíbrio financeiro das concessões públicas ganha contornos jurídicos. Dados do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Purificação e Distribuição de Água e em Serviço de Esgotos no Estado de Mato Grosso do Sul – Sindágua MS indicam que a concessionária Águas Guariroba registrou lucro líquido superior a R\$1,3 bilhão em um período de cinco anos. Esse desempenho financeiro é objeto de questionamento político quanto à sua proporcionalidade em relação aos investimentos em manutenção dos cursos d’água. A vereadora Luiza Ribeiro (PT) destaca que tentativas de investigar a margem de lucro da companhia enfrentam resistência. “Já entramos com uma ação para investigar este lucro, mas fomos barrados por interesses da concessionária e do setor imobiliário”.



A vereadora Luiza Ribeiro relata que a PLANURB estaria agindo de forma ilegal, conforme apontado na Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público do Meio Ambiente, por meio dos promotores Luiz Antonio Freitas, Andreia Cristina e Luz Marina Borges



Segundo a empresa de inteligência comercial, Econodata, Campo Grande possui 2.341 empresas imobiliárias ativas. Foto: Gabriel Issagawa

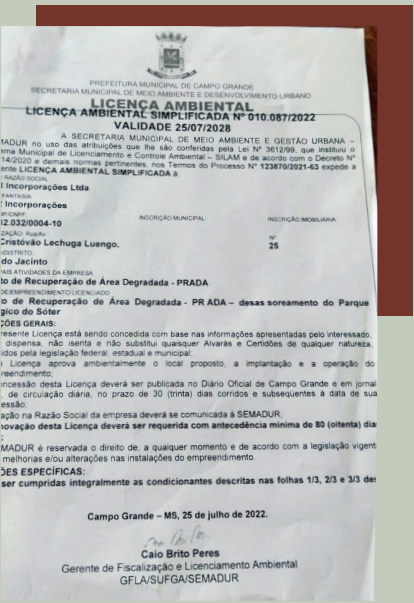
A pressão por novas edificações contrasta com a situação dos equipamentos públicos, como os parques Jacques da Luz, Ayrton Senna, Horto Florestal e Sóter, que apresentam déficits de conservação. Simultaneamente, a gestão territorial prioriza o adensamento da Zona 1, área que abrange o centro e bairros como Monte Líbano, Vila Carvalho e Santa Fé. Embora o Plano Diretor preveja o aproveitamento dos vazios urbanos nessa região, a ocupação efetiva esbarra em uma lógica de mercado que, por vezes, ignora as diretrizes de preservação ambiental e a capacidade da infraestrutura existente.

Advogada que trabalha no Poder Judiciário, Adriana Souza Freitas é frequentadora assídua do Parque Ecológico Sóter há 18 anos. Sentada e rodeada por seus cães Amarelo, Doguinho e Amora, ela acompanha a degradação em sua residência que fica em frente ao parque.

Após três anos fora de Campo Grande, o retorno de Adriana foi marcado por ela notar o avanço urbano sobre a mata ciliar do Sóter. A constatação do desmatamento levou-a a buscar os mecanismos oficiais de controle, confrontando a administração municipal quanto à supressão da vegetação. “Procurei a Secretaria do Meio Ambiente, já na gestão de Adriane Lopes (Progressistas), para formalizar a denúncia. A resposta foi que havia autorização para a derrubada de 43 árvores, conforme um projeto da empresa MGR, mas o que fizeram foi uma limpa”, explica a advogada. Segundo Amanda Mariano, gerente de Unidade de Conservação da PLANURB, a prioridade é evitar que o crescimento da infraestrutura ignore as condicionantes ambientais, como o controle de erosões e o assoreamento de cursos d’água. “Sabemos que novos prédios estão surgindo, e o nosso papel é garantir que esse desenvolvimento não sobrecarregue esta região”, explica Mariano. A gerente reforça que a expansão imobiliária não é um processo isolado e que cada projeto é submetido a estudos de impacto de vizinhança e licenciamentos que verificam o que pode ou não ser construído. “Por isso, cada novo projeto passa por uma análise cuidadosa. A NGR executa suas funções, mas sempre com as nossas vistorias”

Por isso, cada novo projeto passa por uma análise cuidadosa. A NGR executa suas funções, mas sempre com as nossas vistorias - Adriana Souza Freitas

“



Preservação por iniciativa cidadã

Ao cruzar o limite entre a rua Rio de Janeiro e a avenida Mascarenhas de Moraes, região norte da cidade, o ruído urbano de Campo Grande é subitamente substituído pelo som da fauna e pelo frescor da mata ciliar. Ali, no Parque Linear do Segredo, o cenário é fruto de um projeto que já dura 14 anos, proposto pela professora de Educação Física Marina Solon e seu marido, Marcos Kirst. O casal pioneiro do projeto Ecoplantar, sediado em Campo Grande, consolidou-se como referência em sustentabilidade ao transformar a lógica do descarte urbano por meio de seu drive-thru ecológico. Com uma estrutura que prioriza a conveniência e a educação ambiental, a iniciativa permite que cidadãos entreguem materiais como lixos eletrônicos, pilhas e óleo de cozinha, sem sair de seus veículos, garantindo que esses resíduos retornem à cadeia produtiva por meio de logística reversa, além de evitar a contaminação do solo e dos recursos hídricos. É um modelo social de gestão por meio da venda de mudas e de serviços de jardinagem de forma autônoma. “Não queríamos montar uma ONG para não depender de emendas parlamentares ou trâmites políticos, quando alguém compra uma muda conosco, está financiando a manutenção do parque linear”, explica Marina Solon.

Não queríamos montar uma ONG para não depender de emendas parlamentares ou trâmites políticos, quando alguém compra uma muda conosco, está financiando a manutenção do parque linear
- Marina Solon

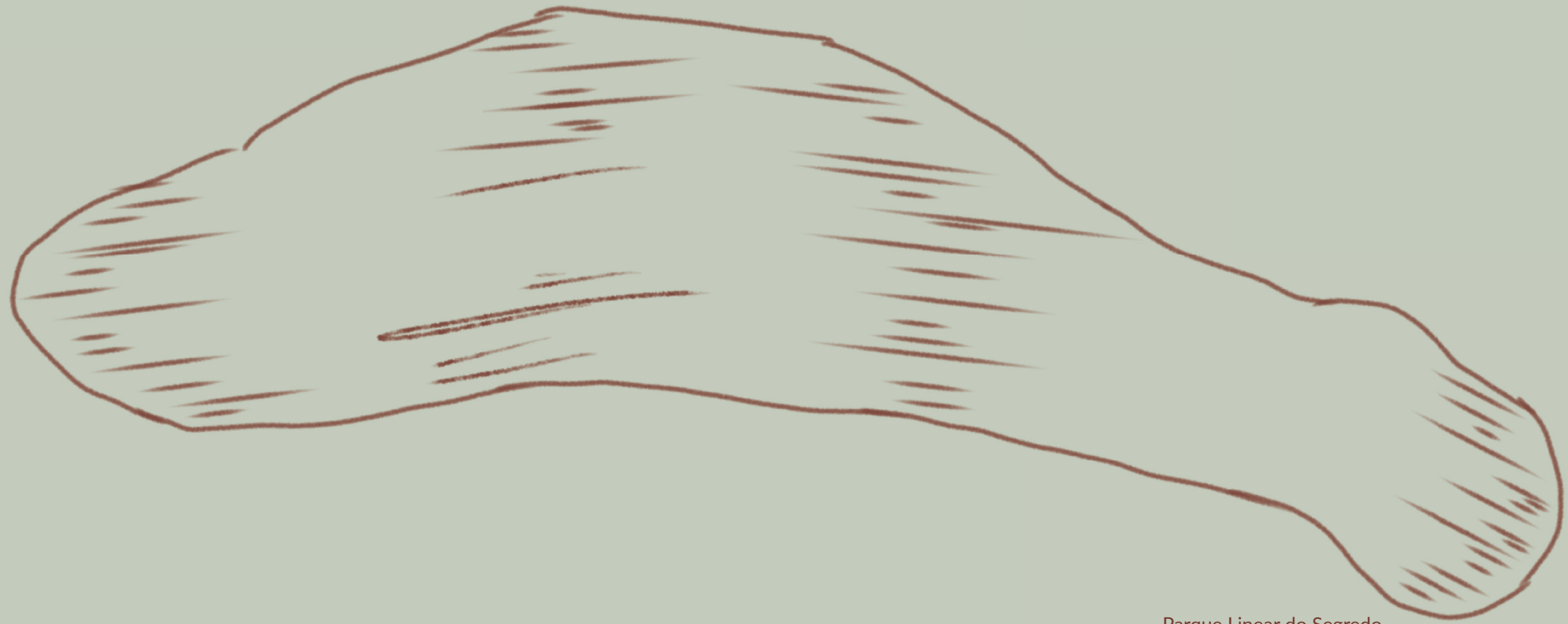
“



Marina Solon explica que a ação do projeto Ecoplantar visa mitigar danos ambientais e sensibilizar a sociedade sobre a importância da área verde dentro do perímetro urbano. Foto: Gabriel Issagawa

O parque esponja e a ameaça da ponte

O conceito de Cidade Esponja foi criado pelo arquiteto e paisagista japonês Kongjian Yu e refere-se a um modelo de urbanismo que utiliza soluções baseadas na natureza para absorver, filtrar e armazenar a água da chuva, em vez de apenas escoá-la por meio de tubulações de concreto. No Parque Linear do Segredo, essa teoria ganha corpo devido à densa vegetação nativa. O solo permeável funciona como uma infraestrutura viva que retém milhões de litros de água, reduzindo a velocidade das enxurradas e alimentando o lençol freático. Ao contrário das pontes e do asfalto, que impermeabilizam a terra e aceleram as enchentes, o parque atua como um pulmão hídrico que protege o sistema de drenagem de Campo Grande, o que evidencia que a preservação da mata ciliar é a ferramenta de engenharia mais eficiente contra desastres urbanos. Para o empresário Marcos Kirst, o Parque Linear do Segredo não é apenas um espaço contemplativo, mas também uma peça vital de infraestrutura urbana. Ele defende que a vegetação atua diretamente na drenagem da capital após grandes precipitações. “As copas dessas árvores nativas, como Barbatimão, Ipês e Buritis, retêm milhares de litros de água que filtram lentamente pelo solo. É um parque linear esponja que impede enchentes nesta região”, pontua.



Parque Linear do Segredo -
Ilustração: Juca Nunes

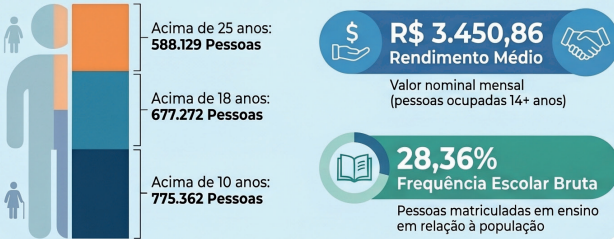


Segundo a Embrapa, a mata ciliar reduz enxurradas e ajuda a prevenir enchentes. Marcos Kirst realiza esse trabalho desde 2012 e já plantou mais de 45 mil mudas.. Foto: Gabriel Issagawa

Campo Grande em Números: Retrato Demográfico e Urbano (Censo 2022)

Este infográfico sintetiza os dados do Censo 2022 para a capital sul-mato-grossense, explorando a composição etária, renda, educação, ocupação urbana e a diversidade indígena.

GÊNERO E IDADE: População, Educação e Renda



DIVERSIDADE ÉTNICA INDÍGENA: Riqueza Cultural



TERRITÓRIO: Favelas e Comunidades Urbanas



NUPCIALIDADE E FAMÍLIA: União Conjugal



Ilustração feita a partir do site NotebookLM

Esse equilíbrio está sob ameaça. Um projeto da Planurb prevê a construção de uma ponte ligando a Avenida Júlia Makssoud à rua Padre João Crippa, cortando exatamente a área reflorestada. Segundo os especialistas, a obra poderia comprometer a capacidade de absorção do solo, aumentando o risco de inundações que a floresta urbana faz o papel de conter nos dias de hoje. Frequentadores como Alexandre Ferro, servidor do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul), falam com preocupação sobre a pressão urbana exercida sobre as matas ciliares. Ele ressalta que, enquanto gestor do Parque Matas do Segredo, percebe que o esforço comunitário precisa de investimentos públicos que o acompanhem. A questão do acesso também é central. Para a moradora Vera Mazarotto, que vai ao local diariamente com sua cadela Kira, a existência do parque é uma questão de saúde pública e de sobrevivência do planeta. “Chegamos a um ponto assustador de desequilíbrio. Ver organizações como essa nos dá um rumo positivo, mas a gestão pública precisa priorizar esse tipo de atendimento”, afirma.

Chegamos a um ponto assustador de desequilíbrio. Ver organizações como essa nos dá um rumo positivo, mas a gestão pública precisa priorizar esse tipo de atendimento - Vera Mazarotto

“



De acordo com o American Kennel Club, o Border Collie possui alto nível de energia devido à sua seleção histórica para o pastoreio. Vera Mazarotto frequenta o local diariamente para garantir o bem-estar de Kira. Foto: Gabriel Issagawa

A engenheira ambiental e diretora-executiva da Planurb, Mariana Massud, afirma que, desde o início dos Estudos de Impacto de Vizinhança (EIV), o órgão já realizou mais de 70 audiências públicas. Ela explica que a instituição municipal é responsável pela elaboração das guias de diretrizes urbanísticas, etapa que marca o início do processo na Prefeitura e que a equipe está empenhada em executar. Segundo a diretora, uma análise técnica identificou a necessidade de construir uma travessia para melhorar o fluxo de trânsito. A demanda chegou ao órgão por meio de Marcos Kirst e, a partir daí, estabeleceu-se um longo caminho a ser percorrido. Mariana ressalta que ainda não há nada aprovado e assegura que não está sendo cometido nenhum crime ambiental, uma vez que todas as etapas seguem rigorosamente o

que estabelece a legislação vigente. “Na Planurb, nós fazemos as guias de diretrizes urbanísticas; esse processo é inicial na Prefeitura e estamos na expectativa de realizá-lo. Foi levantada a necessidade de fazer uma travessia para o trânsito fluir melhor e isso surgiu como uma diretriz através de uma análise técnica. O Marcos Kirst nos procurou e, a partir disso, temos um longo caminho pela frente. Não temos nada aprovado e não estamos cometendo um crime ambiental, pois estamos seguindo o que a legislação estabelece”. O tema ganhou contornos durante a audiência pública sobre a construção da ponte no Parque Linear do Segredo, realizada no dia 23 de abril. Na ocasião, o promotor de Justiça Luís Antônio Freitas de Almeida manifestou-se publicamente, pedindo desculpas pela dificuldade do MPMS em suprir prontamente todas as demandas da sociedade, classificando o sistema atual como ainda falho. O promotor reforçou o compromisso da instituição ao declarar que, embora não consigam atender a todos simultaneamente, o procedimento específico do caso já foi instaurado no Ministério Público para a devida fiscalização. Como dizia o educador Paulo Freire na obra Pedagogia do Oprimido, ninguém veio ao mundo para ficar calado ou aceitar as coisas como elas são. Viver de verdade não é apenas ocupar um lugar no espaço, mas também ter o direito de dizer a sua verdade. É quando a sociedade para de aceitar o descaso e usa a voz para exigir mudança que, de fato, começa a transformar o bairro e a própria vida. Existir, para o ser humano, é ter o poder de dizer como o mundo deve ser e de lutar para que ele mude.



A Agência Nacional das Águas e Saneamento Básico (ANA) fala sobre a saúde dos nossos rios. Em seus manuais de recuperação de bacias, eles apontam que árvores de grande porte do Cerrado são essenciais para a "esponja hídrica". Foto: Gabriel Issagawa



Parque das nações indígenas - Ilustração: Juca Nunes



Parque Jaques da Luz - Ilustração: Juca Nunes

Expediente

Reportagem apresentada como Projeto Experimental para conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da professora Laura Seligman, no semestre 01/2026.

Pesquisa, entrevista, redação e edição: Gabriel Issagawa
Fotos: Gabriel Issagawa, Gabriela Almeida, Rosana Moura,

Infográficos: Notbooklm

Projeto gráfico: Helder Carvalho

JOR
UFMS

NOTBOOK
UFMS

Em Ruínas

Além do mato alto e dos resíduos, Parques Urbanos em Campo Grande enfrentam problemas ambientais como o assoreamento e o crescimento urbano desordenado

Gabriel Issagawa



A popular "Praia das Moreninhas" ou Parque Jacques da Luz é o principal espaço de lazer para os moradores da região sul da capital. Foto: Gabriel Issagawa

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Organização das Nações Unidas (ONU), estabelece, em seu artigo 24, que todo ser humano tem direito ao repouso e ao lazer. Em uma cidade, esse direito se materializa nos parques, locais de contato direto com a natureza. No entanto, quando são abandonados, é negado o direito do cidadão e o bem-estar da população. A falta de manutenção é visível em parquinhos infantis, piscinas secas, gramado alto, banheiros inutilizáveis e bancos quebrados.

Na região mais valorizada de Campo Grande, está localizado o maior parque urbano da cidade, o Parque das Nações Indígenas, que abriga uma vasta área verde de 1.163.876,93 metros quadrados, dentro de um perímetro urbano, inaugurado em 17 de agosto de 1993. Após quase 33 anos, o espaço verde de lazer passou por várias gestões políticas, tendo iniciado na de Pedro Pedrossian (1991-1995). Com seis portarias que homenageiam comunidades indígenas daqui de MS, como Nhandeva, Guarani, Kaiowá, Guató, Terena e Kadiwéu, quem visita sente a falta de manutenção do espaço de lazer. É o caso da dona de casa, Fernanda Roberta, que tem 21 anos. Sua filha de apenas três anos machucou os dois pés ao brincar no parquinho. “O Governo do Estado tem muito o que melhorar em relação a este espaço. Minha filha veio hoje brincar aqui e o escorregador estava metade quebrado, falta investimento nos parques públicos, aqui é um lugar público. Em pontos positivos, a grama está bem aparada”.



Natural de Belém (PA), a dona de casa Fernanda Roberta fala de forma frustrada sobre a infraestrutura do Parque das Nações Indígenas. Foto: Gabriela Almeida



Brinquedo de madeira apresenta desgaste na pintura e buracos na base do escorregador, oferecendo riscos de ferimentos para as crianças. Foto: Gabriel Issagawa



Brinquedos desgastados e sem manutenção comprometem a segurança das crianças nos parquinhos infantis. Foto: Gabriela Almeida

Em 2023, o parque estava em consideração para ser privatizado, segundo o Escritório de Parcerias Estratégicas (EPE) do Governo de Mato Grosso do Sul. No projeto, consta também a privatização do Parque Estadual do Prosa. O projeto continua em andamento.

Para os moradores da região do bairro Mata do Jacinto, não há diferença em relação ao Parque das Nações Indígenas no quesito cuidado pela gestão pública. Localizado na região norte da cidade, o lazer de domingo no Parque Ecológico do Sóter transformou-se em um exercício de resiliência. Criado em 2004, na gestão municipal do ex-prefeito André Puccinelli (1997-2004), foi projetado como parque modelo para esportes, lazer e cultura. A falta de manutenção por parte da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano (Planurb) é visível no mato alto, que impede até mesmo um simples piquenique em família. O casal Adrian Lucas Moreli, de 21 anos, e Ludmila Gomes, de 19, até tentou celebrar os cinco meses de namoro, mas sequer foi possível aproveitar a ocasião em razão da paisagem sem cuidado. “Frequento aqui desde criança e este parque sempre enfrentou problemas. Raramente a grama está cortada, a ponte está interditada para travessia, aquilo está podre e o rio piorou drasticamente, nem água tem, só areia, simplesmente está seco”, disse Ludmila. O namorado, Lucas,

evidenciou a diferença de cuidado entre os espaços públicos da capital. “Gostaríamos de comemorar no Parque das Nações Indígenas, que é mais organizado e mais cuidado, vamos pouco para lá, mas acabamos vindo para cá pela proximidade”.

Em algumas regiões mais afastadas do centro, o cenário é similar ou até mais agravante do que no Parque Ecológico do Sóter. Em 1994, nascia a “Praia das Moreninhas”, na região sul da Capital, ou, Parque Jacques da Luz que é o nome oficial e que conta com uma estrutura de quadras de futsal, vôlei, palco para apresentações culturais e um estádio com capacidade de até 4.500 pessoas. Porém, o que se vê atualmente é o estádio com goteiras, quadras sem manutenção e pneus com água parada, com ovos do mosquito transmissor da dengue. Até abril de 2026, de acordo com o boletim da Secretaria de Estado de Saúde de MS (SES), 4.200 casos foram registrados na capital e o lixo dentro do espaço não é retirado há semanas, de acordo com quem frequenta, como Alice de Lima, de 14 anos, que nasceu na região das Moreninhas e frequenta o espaço desde criança. “Esse parque está muito ruim, tem gente que joga muito lixo aqui, há pessoas que querem utilizar as piscinas, mas elas estão secas e abandonadas, crianças que querem entrar no parquinho, mas os brinquedos estão todos quebrados e abandonados”.



A ausência de reparos periódicos é a principal reclamação de moradores da região sul, como Alice de Lima. Foto: Rosana Moura



Pneus descartados irregularmente no Parque Jacques da Luz acumulam água da chuva e tornam-se criadouros ideais para o Aedes aegypti. O descuido pode acarretar a dengue, zika e chikungunya. Foto: Rosana Moura



Febre alta e dor atrás dos olhos são sintomas da dengue. A principal forma de combate da doença continua sendo o descarte da água parada, encontrada em entulhos no parque. Foto: Rosana Moura

Horto Florestal e sua nova gestão

O trajeto até o Parque Antônio de Albuquerque, na região central da cidade, começa no compasso do transporte público. O balanço da condução dita o ritmo de quem cruza a cidade rumo ao espaço verde urbano. Ao desembarcar, o visitante depara-se com um local carregado de memória, o local que, em 1956 era nomeado Parque Antônio de Albuquerque, passou a ser popularmente conhecido como Horto Florestal.

Na chegada, quem frequenta encontra o portão principal fechado, o acesso só é possível após um contorno a pé pela área externa, percurso que força um olhar atento à estrutura do parque, onde o tempo e a umidade deixaram marcas e manchas escuras no concreto. É possível escutar barulhos de crianças e adolescentes no portão da Arena do Horto, são os escoteiros Lobo-Guará 12MS, grupo criado em 1993, com mais de 33 anos em Campo Grande (MS).



O prazo de entrega do Horto Florestal é previsto para o segundo semestre de 2026

Foto: Gabriel Issagawa

À frente da organização das atividades desenvolvidas no Parque Horto Florestal, a presidenta dos escoteiros lobo-guará, Viviane Matzenbacher, de 45 anos, observa o contraste entre a ocupação social e o estado físico do patrimônio. Para ela, a situação atual é um reflexo direto das mudanças na administração e da falta de continuidade nas políticas de conservação. “A falta de manutenção e de investimentos da gestão pública fez com que viéssemos para a Arena do Horto, a área verde não é tão grande, mas conseguimos desenvolver as atividades com as crianças e adolescentes”.

No dia 23 de dezembro de 2025, foi publicado no Diário Oficial da União do Município o acordo de 20 anos entre o Serviço Social de Comércio (Sesc) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Dessa forma, a gestão pública transfere a responsabilidade e privatiza o Horto Florestal. O objetivo é que as instituições mantenham e conservem o parque que está depredado há mais de dez anos



Banheiros depredados no Horto Florestal evidenciam a falta de manutenção no parque. Foto: Gabriel Issagawa



Com aporte de R\$3,5 milhões do Sesc MS, o Horto Florestal vai passar por revitalização da iniciativa privada. O investimento foca na recuperação da biodiversidade e na modernização do espaço verde para uso da comunidade.
Foto: Gabriel Issagawa

Viviane Matzenbacher fala com esperança sobre a transferência da gestão pública municipal do Horto Florestal para a iniciativa privada. “Nós estamos com expectativas muito boas para voltarmos para o outro lado da ponte e desenvolvermos atividades no espaço verde”.

Com mais de 100 mil horas de trabalho voluntário, Matzenbacher relata o objetivo da formação cidadã. “Temos o objetivo de ensinar para as crianças e jovens que precisamos deixar o mundo melhor do que encontramos. Nesta parte da Arena do Horto reformamos mais de 45 bancos e sempre depois das atividades a gente limpa tudo”.

Para Caique Bonfietti, Analista de Produtos do Sesc-MS e responsável por projetos de sustentabilidade, a atuação no Horto vai além da manutenção de um espaço verde; trata-se de um projeto educativo estruturante. Bonfietti destaca que o pilar central é a Educação Ambiental, utilizando o espaço para integrar escolas e instituições à realidade local. “A gente não tem a menor intenção de descaracterizar o horto, pois a população lembra dele com carinho. Pretendemos levar cultura, oficinas, shows e fomentar a cultura”, afirma o analista.

A espera para cruzar novamente a ponte do Horto Florestal já tem data definida. A entrega das obras de revitalização do Parque Florestal Antônio de Albuquerque está programada para o segundo semestre de 2026.



Segundo dados da Organização Mundial do Movimento Escoteiro (WOSM), o escotismo soma 57 milhões de membros em 174 países. No Brasil, a União dos Escoteiros do Brasil (UEB) registra 80 mil associados. Foto: Gabriel Issagawa

Diferentes tipos de gestão

Tipo de gestão	Gestão Pública	Gestão Privada
Objetivo Principal	Interesse Público (Social)	Lucro (Econômico)
Princípio Norteador	Legalidade estrita	Autonomia
Público-alvo	Cidadão (Universalidade)	Consumidor (Segmentação)
Controle	Tribunais de Contas da União (TCU-MS) e Sociedade	Auditorias e Acionistas
Relação de Trabalho	Concurso e Comissionado	CLT (Consolidação das Leis de Trabalho)

Animais Silvestres, recursos hídricos e problemas ambientais

Os espaços verdes urbanos de Campo Grande enfrentam uma crise que ameaça a sobrevivência de espécies típicas do bioma Cerrado. Animais como capivaras, cutias e tatus-bola perdem espaço à medida que a degradação avança sobre o Córrego Prosa, um dos cursos d'água mais antigos da capital. O veterinário Rafael Hoogesteijn, mestre em Animais Silvestres pela Universidade de Gainesville (Flórida), associa o desaparecimento progressivo da fauna ao acentuado assoreamento da microbacia do Prosa. “No Parque Ecológico do Sóter, a mata ciliar ao lado do manancial foi suprimida. Hoje, não se veem mais a cutia, espécie frequente do nosso bioma, nem as capivaras, nativas do Cerrado e que dependem das margens dos rios. Peixes e tartarugas também desapareceram. O rio secou”. A ausência da

vida silvestre, que antes caracterizava o parque, é o indicador mais visível do colapso hídrico que afeta a região norte da cidade.



*Rafael Hoogesteijn é formado em Medicina Veterinária pela Universidade Central da Venezuela
Foto: Gabriel Issagawa*

De acordo com a Associação Brasileira de Recursos Hídricos (ABRHidro), a malha hídrica define o território urbano e rural por meio de 33 córregos principais, que se articulam em uma complexa rede de drenagem natural. Essas linhas d'água, fundamentais para o equilíbrio ambiental da capital, estão distribuídas em nove bacias hidrográficas: Anhanduí, Bandeira, Bálsamo, Botas, Coqueiro, Imbirussu, Lagoa, Prosa e Segredo. Entre os afluentes que compõem esse cenário, destacam-se cursos como o Cabaça, Cascudo, Guariroba, Itanhangá, Jandoi, Pindaré, Prosa, Réveillon, Sóter e Vendas, formando um mosaico hídrico que sustenta o desenvolvimento de uma das maiores cidades de Mato Grosso do Sul.

A observação do mecânico da aeronáutica, Roger Araújo, de 58 anos, utiliza a geografia da capital como prova de um erro histórico. À frente da Organização Não Governamental

(ONG) S.O.S Água Limpa, que tem como objetivo fazer a limpeza de bacias como da Anhanduí e também cobrar melhorias, e com a experiência de quem já percorreu 18 países, o mecânico identifica nos parques da cidade o resultado da impermeabilização dos leitos. Para Araújo, o descaso com o fluxo natural da água é o que transforma áreas de lazer em cenários de destruição. O profissional alega que a força da correnteza, potencializada pelo concreto, encontra seu ponto de ruptura principalmente nos espaços públicos mais frequentados. "O que vemos em Campo Grande é uma exceção negativa mundial, o fundo dos córregos totalmente concretado. Quando a água não tem para onde correr e o leito não oferece resistência natural, ela ganha uma velocidade surreal. É esse fenômeno que provoca as inundações recorrentes que castigam o Parque Ayrton Senna e o Parque das Nações Indígenas. O concreto, tornou-se o vilão desses espaços", explica.

A infraestrutura do Parque Ayrton Senna, no Aero Rancho, na região sul da cidade, a manutenção irregular da vegetação e a obstrução do sistema de drenagem formam um cenário que impacta a saúde pública e a viabilidade econômica do comércio local. O mato alto, ao avançar sobre as calçadas, altera o ecossistema urbano, facilitando a permanência de roedores em áreas de circulação humana.

Essa configuração física do espaço público reflete-se na rotina operacional dos estabelecimentos vizinhos. Localizada exatamente em frente ao parque, a clínica da veterinária Taiza Alana, de 32 anos, exemplifica os efeitos. Além da questão sanitária relacionada às pragas, o fator crítico é o hídrico. O entupimento das bocas de lobo nas vias perimetrais impede o escoamento das águas pluviais, convertendo a rua em um ponto de inundação frequente.

A reincidência desses eventos exige adaptações estruturais e acarreta prejuízos. Conforme o relato de Taiza, o volume de água acumulado durante as chuvas rompe a barreira do meio-fio e atinge o interior do comércio: "Já alagou a clínica mais de uma vez, e a rua do parque, sempre quando chove, alaga de forma intensa".

Para quem investe no entorno e para quem frequenta os parques, a aplicação da Lei 15.333 pode ser uma esperança para ter mais dignidade. O projeto escrito pela senadora Damares Alves (Republicanos) e sancionado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em oito de janeiro de 2026, determina que a nova legislação passa a integrar o planejamento urbano das cidades e que as capitais e municípios brasileiros mantenham os espaços de convivência seguros e conservados para crianças e adultos.

Hidrografia de Campo Grande: O Mapa das Águas Urbanas

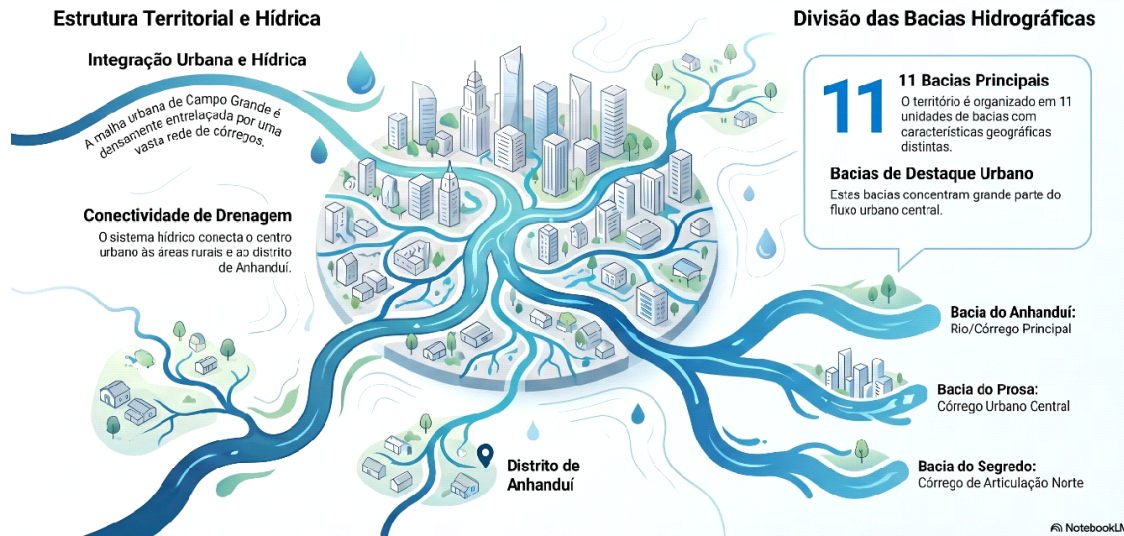


Ilustração feita a partir do site NotebookLM

Este curso d'água, formado por córregos e bacias hidrográficas, é um componente vital da Bacia do Rio Anhanduí, considerada a maior da cidade e composta pelos afluentes Prosa e Segredo. A Itaipu Binacional, uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo, aponta que a região ainda atua como canal para espécies migratórias de água doce, como o Dourado, o Pintado e o Pacu.

No Parque das Nações Indígenas, localizado em uma das áreas mais valorizadas da capital, a lagoa que ancora a paisagem central do espaço atrai o olhar de quem busca refúgio na natureza. No entanto, o contraste entre a beleza do cenário e a realidade ambiental torna-se evidente à medida que se aproxima das margens. A lagoa, alvo de um processo de desassoreamento iniciado em 2019 durante a gestão do ex-governador Reinaldo Azambuja (PL), encontra-se com as intervenções paralisadas desde janeiro de 2025 sob a atual administração do governador Eduardo Riedel (Progressistas). A tonalidade marrom da água indica a suspensão de sedimentos e o impacto das chuvas. Próxima à margem, a cena de uma tilápia (*Oreochromis niloticus*) em estágio de decomposição, cercada por insetos, evidencia o desequilíbrio do ecossistema local, ao mesmo tempo em que reforça a importância da manutenção.



A Tilápia é um peixe omnívoro, herbívoro ou fitoplantófago. Alimenta-se de insetos, microcrustáceos, sementes, frutos, raízes, algas, plâncton e pequenos peixes. Foto: Gabriel Issagawa

A ameaça das espécies invasoras

Além do mato alto e do lixo, os parques urbanos de Campo Grande enfrentam a invasão de leucenas. Essa árvore cresce muito rápido e espalha sementes que impedem a recuperação da vegetação original. A remoção dessas árvores em áreas urbanas segue normas legais para proteger o ecossistema nativo, conforme detalha a lei municipal 7.418 que, em julho de 2025, começou o processo de retirada dessa espécie invasora. De acordo com registros da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a leucena foi introduzida no Brasil na década de 1940. Em Campo Grande, essa planta pode ser encontrada no Horto Florestal, no Parque

das Nações Indígenas, no Parque Jacques da Luz, no Parque Ayrton Senna e no Parque dos Poderes.

Em Campo Grande, conhecida como uma das cidades mais arborizadas do mundo pelos sete prêmios Tree City of the World, o que se vê na maioria dos parques é a falta de vistoria do poder público diante de problemas que se acumulam a cada dia. A degradação e a recuperação ambiental em Mato Grosso do Sul são temas centrais na trajetória de Letícia Garcia Couto, mestra em Botânica e professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A pesquisadora monitora o avanço de espécies invasoras, com ênfase na proliferação da leucena, planta que compromete a biodiversidade local e exige estratégias de controle para a recomposição da vegetação nativa.

Couto destaca que a espécie possui alta capacidade reprodutiva, duas vezes ao ano, e há registros de invasão em ecossistemas como as Ilhas Galápagos e Fernando de Noronha. No cenário local, a especialista observa lacunas na gestão pública: embora o manejo seja realizado pela prefeitura, a efetiva restauração das áreas após a retirada da planta permanece limitada. Segundo a pesquisadora, um exemplo de controle contínuo ocorre no Parque Linear do Segredo. O local foi objeto de estudo de Lucas Ribas Casanova, biólogo e mestrando, cujo trabalho de conclusão de curso indicou que a área serve como piloto para a recolonização de espécies nativas. "A leucena possui alta capacidade reprodutiva e escala global de invasão, o que exige manejo contínuo para que as espécies nativas consigam recolonizar o espaço, como observamos no Parque Linear do Segredo".

Falta de Fiscalização

O planejamento urbano de Campo Grande remonta à década de 1980, com a implementação do primeiro Plano Diretor e intervenções estruturais como o alargamento da Avenida Afonso Pena. Contudo, o desenvolvimento da capital foi marcado pela supressão de nascentes decorrente da atividade construtiva, o que gerou impactos diretos na gestão ambiental e no saneamento básico.

Atualmente, o debate sobre o equilíbrio financeiro das concessões públicas ganha contornos jurídicos. Dados do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Purificação e Distribuição de Água e em Serviço de Esgotos no Estado de Mato Grosso do Sul – Sindágua MS indicam que a concessionária Águas Guariroba registrou lucro líquido superior a R\$1,3 bilhão em um período de cinco anos. Esse desempenho financeiro é objeto de questionamento

político quanto à sua proporcionalidade em relação aos investimentos em manutenção dos cursos d'água. A vereadora Luiza Ribeiro (PT) destaca que tentativas de investigar a margem de lucro da companhia enfrentam resistência. "Já entramos com uma ação para investigar este lucro, mas fomos barrados por interesses da concessionária e do setor imobiliário".



A vereadora Luiza Ribeiro relata que a PLANURB estaria agindo de forma ilegal, conforme apontado na Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público do Meio Ambiente, por meio dos promotores Luiz Antonio Freitas, Andreia Cristina e Luz Marina Borges.



Segundo a empresa de inteligência comercial, Econodata, Campo Grande possui 2.341 empresas imobiliárias ativas. Foto: Gabriel Issagawa

A pressão por novas edificações contrasta com a situação dos equipamentos públicos, como os parques Jacques da Luz, Ayrton Senna, Horto Florestal e Sóter, que apresentam déficits de conservação. Simultaneamente, a gestão territorial prioriza o adensamento da Zona 1, área que abrange o centro e bairros como Monte Líbano, Vila Carvalho e Santa Fé. Embora o Plano Diretor preveja o aproveitamento dos vazios urbanos nessa região, a ocupação efetiva esbarra em uma lógica de mercado que, por vezes, ignora as diretrizes de preservação ambiental e a capacidade da infraestrutura existente.

Advogada que trabalha no Poder Judiciário, Adriana Souza Freitas é frequentadora assídua do Parque Ecológico Sóter há 18 anos. Sentada e rodeada por seus cães Amarelo, Doguinho e Amora, ela acompanha a degradação em sua residência que fica em frente ao parque.



A advogada Adriana Souza Freitas mora na região desde 2008

Foto: Gabriel Issagawa

Após três anos fora de Campo Grande, o retorno de Adriana foi marcado por ela notar o avanço urbano sobre a mata ciliar do Sóter. A constatação do desmatamento levou-a a buscar os mecanismos oficiais de controle, confrontando a administração municipal quanto à supressão da vegetação. "Procurei a Secretaria do Meio Ambiente, já na gestão de Adriane Lopes (Progressistas), para formalizar a denúncia. A resposta foi que havia autorização para a derrubada de 43 árvores, conforme um projeto da empresa MGR, mas o que fizeram foi uma limpa", explica a advogada.

Segundo Amanda Mariano, gerente de Unidade de Conservação da PLANURB, a prioridade é evitar que o crescimento da infraestrutura ignore as condicionantes ambientais, como o controle de erosões e o assoreamento de cursos d'água.

"Sabemos que novos prédios estão surgindo, e o nosso papel é garantir que esse desenvolvimento não sobrecarregue esta região", explica Mariano. A gerente reforça que a expansão imobiliária não é um processo isolado e que cada projeto é submetido a estudos de impacto de vizinhança e licenciamentos que verificam o que pode ou não ser construído.

"Por isso, cada novo projeto passa por uma análise cuidadosa. A NGR executa suas funções, mas sempre com as nossas vistorias"

Preservação por iniciativa cidadã

Ao cruzar o limite entre a rua Rio de Janeiro e a avenida Mascarenhas de Moraes, região norte da cidade, o ruído urbano de Campo Grande é subitamente substituído pelo som da fauna e pelo frescor da mata ciliar. Ali, no Parque Linear do Segredo, o cenário é fruto de um projeto que já dura 14 anos, proposto pela professora de Educação Física Marina Solon e seu marido, Marcos Kirst. O casal pioneiro do projeto Ecoplantar, sediado em Campo Grande, consolidou-se como referência em sustentabilidade ao transformar a lógica do descarte urbano por meio de seu drive-thru ecológico. Com uma estrutura que prioriza a conveniência e a educação ambiental, a iniciativa permite que cidadãos entreguem materiais como lixo eletrônico, pilhas e óleo de cozinha, sem sair de seus veículos, garantindo que esses resíduos retornem à cadeia produtiva por meio de logística reversa, além de evitar a contaminação do solo e dos recursos hídricos.

É um modelo social de gestão por meio da venda de mudas e de serviços de jardinagem de forma autônoma. "Não queríamos montar uma ONG para não depender de emendas parlamentares ou trâmites políticos, quando alguém compra uma muda conosco, está financiando a manutenção do parque linear", explica Marina Solon.



Marina Solon explica que a ação do projeto Ecoplantar visa mitigar danos ambientais e sensibilizar a sociedade sobre a importância da área verde dentro do perímetro urbano. Foto: Gabriel Issagawa

O parque esponja e a ameaça da ponte

O conceito de Cidade Esponja foi criado pelo arquiteto e paisagista japonês Kongjian Yu e refere-se a um modelo de urbanismo que utiliza soluções baseadas na natureza para absorver, filtrar e armazenar a água da chuva, em vez de apenas escoá-la por meio de tubulações de concreto.

No Parque Linear do Segredo, essa teoria ganha corpo devido à densa vegetação nativa. O solo permeável funciona como uma infraestrutura viva que retém milhões de litros de água, reduzindo a velocidade das enxurradas e alimentando o lençol freático. Ao contrário das pontes e do asfalto, que impermeabilizam a terra e aceleram as enchentes, o parque atua como um pulmão hídrico que protege o sistema de drenagem de Campo Grande, o que evidencia que a preservação da mata ciliar é a ferramenta de engenharia mais eficiente contra desastres urbanos.

Para o empresário Marcos Kirst, o Parque Linear do Segredo não é apenas um espaço contemplativo, mas também uma peça vital de infraestrutura urbana. Ele defende que a vegetação atua diretamente na drenagem da capital após grandes precipitações. "As copas dessas árvores nativas, como Barbatimão, Ipês e Buritis, retêm milhares de litros de água que filtram lentamente pelo solo. É um parque linear esponja que impede enchentes nesta região", pontua.



Segundo a Embrapa, a mata ciliar reduz enxurradas e ajuda a prevenir enchentes. Marcos Kisrt realiza esse trabalho desde 2012 e já plantou mais de 45 mil mudas.. Foto: Gabriel Issagawa

INSERIR INFOGRAFICO Fonte: IBGE <https://share.google/4BsUnPdZN7nVVtmxs>

Esse equilíbrio está sob ameaça. Um projeto da Planurb prevê a construção de uma ponte ligando a Avenida Júlia Makssoud à rua Padre João Crippa, cortando exatamente a área reflorestada. Segundo os especialistas, a obra poderia comprometer a capacidade de absorção do solo, aumentando o risco de inundações que a floresta urbana faz o papel de conter nos dias de hoje.



A Agência Nacional das Águas e Saneamento Básico (ANA) fala sobre a saúde dos nossos rios. Em seus manuais de recuperação de bacias, eles apontam que árvores de grande porte do Cerrado são essenciais para a "esponja hídrica". Foto: Gabriel Issagawa

Frequentadores como Alexandre Ferro, servidor do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul), falam com preocupação sobre a pressão urbana exercida sobre as matas ciliares. Ele ressalta que, enquanto gestor do Parque Matas do Segredo, percebe que o esforço comunitário precisa de investimentos públicos que o acompanhem. A questão do acesso também é central. Para a moradora Vera Mazarotto, que vai ao local diariamente com sua cadela Kira, a existência do parque é uma questão de saúde pública e de sobrevivência do planeta. "Chegamos a um ponto assustador de desequilíbrio. Ver organizações como essa nos dá um rumo positivo, mas a gestão pública precisa priorizar esse tipo de atendimento", afirma.



De acordo com o American Kennel Club, o Border Collie possui alto nível de energia devido à sua seleção histórica para o pastoreio. Vera Mazarotto frequenta o local diariamente para garantir o bem-estar de Kira. Foto: Gabriel Issagawa

A engenheira ambiental e diretora-executiva da Planurb, Mariana Massud, afirma que, desde o início dos Estudos de Impacto de Vizinhança (EIV), o órgão já realizou mais de 70 audiências públicas. Ela explica que a instituição municipal é responsável pela elaboração das guias de diretrizes urbanísticas, etapa que marca o início do processo na Prefeitura e que a equipe está empenhada em executar. Segundo a diretora, uma análise técnica identificou a necessidade de construir uma travessia para melhorar o fluxo de trânsito.

A demanda chegou ao órgão por meio de Marcos Kirst e, a partir daí, estabeleceu-se um longo caminho a ser percorrido. Mariana ressalta que ainda não há nada aprovado e

assegura que não está sendo cometido nenhum crime ambiental, uma vez que todas as etapas seguem rigorosamente o que estabelece a legislação vigente. “Na Planurb, nós fazemos as guias de diretrizes urbanísticas; esse processo é inicial na Prefeitura e estamos na expectativa de realizá-lo. Foi levantada a necessidade de fazer uma travessia para o trânsito fluir melhor e isso surgiu como uma diretriz através de uma análise técnica. O Marcos Kirst nos procurou e, a partir disso, temos um longo caminho pela frente. Não temos nada aprovado e não estamos cometendo um crime ambiental, pois estamos seguindo o que a legislação estabelece”.

O tema ganhou contornos durante a audiência pública sobre a construção da ponte no Parque Linear do Segredo, realizada no dia 23 de abril. Na ocasião, o promotor de Justiça Luís Antônio Freitas de Almeida manifestou-se publicamente, pedindo desculpas pela dificuldade do MPMS em suprir prontamente todas as demandas da sociedade, classificando o sistema atual como ainda falho.

O promotor reforçou o compromisso da instituição ao declarar que, embora não consigam atender a todos simultaneamente, o procedimento específico do caso já foi instaurado no Ministério Público para a devida fiscalização.

Como dizia o educador Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, ninguém veio ao mundo para ficar calado ou aceitar as coisas como elas são. Viver de verdade não é apenas ocupar um lugar no espaço, mas também ter o direito de dizer a sua verdade. É quando a sociedade para de aceitar o descaso e usa a voz para exigir mudança que, de fato, começa a transformar o bairro e a própria vida. Existir, para o ser humano, é ter o poder de dizer como o mundo deve ser e de lutar para que ele mude.